



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PATRICIA ERMEL

Amparar e dar suporte à escrita de corpos silenciados:

a entidade autoral como micropolítica ativa

Mestrado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PATRICIA ERMEL

Amparar e dar suporte à escrita de corpos silenciados:
a entidade autoral como micropolítica ativa

Dissertação apresentada à banca examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
como exigência parcial para a obtenção de título de
MESTRE em Psicologia Clínica, Núcleo de
Estudos da Subjetividade sob orientação da Prof.^a
Dr^a Suely Belinha Rolnik.

SÃO PAULO

2022

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA DE QUALIFICAÇÃO

Presidente: Suely Belinha Rolnik, Doutora – Orientadora
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC)

Membro externo: Alexandre Filordi de Carvalho
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

Membro interno: João Perci Schiavon
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC)

Dedico esta pesquisa à minha filha Zoe, aos meus pais, à Geruza Zelnys, minha guia, a todos os participantes de suas oficinas, grupos de estudos, professores e mediadores do presente curso, devir oficinas e a todos os estilhaços gerados nos corpos atravessados pela perda da dimensão erótica em tempos pandêmicos.

RESUMO

ERMEL, Patricia. Amparar e dar suporte à escrita de corpos silenciados. A entidade autoral como micropolítica ativa[Mestrado em Psicologia Clínica]. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, núcleo de Estudos da Subjetividade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

Orientadora: Profa. Dra Suely Belinha Rolnik

Esta dissertação investiga a hipótese da desintegração da potência humana pela experiência traumática. Sufocada em dimensões corporais, a resposta subjetiva ao trauma pode silenciar, adoecer, matar. A relação com a memória para sobreviver ao que transborda nem sempre é libertadora. A sobrevivência aos atravessamentos muitas vezes se cola a uma sujeição perversa; a vida separada do que ela pode. As diferentes formas de captura do inconsciente contam com a estrutura silenciadora, em sua cisão psicofísica, em suas facetas de acúmulo de poder e opressões. O encarceramento do corpo em marcas violentas é também estrutural, social e histórico. Estas feridas sangrentas afloram nos comportamentos cotidianos. Escrever a partir da percepção do corpo pode evidenciar pontos cegos na expressão da voz que emerge da experiência, pode encarnar o momento ausente, revelar sujeições, singularidades, insurreições. Reabitar o corpo no convívio com a dor revela uma força inconsciente insubordinável, uma expressão do campo originário, um exercício de libertação dos determinismos, do espírito aprisionado em diferentes concepções de mundo. A partir de uma cartografia sobre os métodos Escrita Curativa, Poética da Serpente, desenvolvidos por Geruza Zelnys, o presente trabalho tem como proposta orbitar pela filosofia da diferença em Deleuze e Guattari e outros autores influenciados pelas desconstruções, para a criação de um caminho clínico através de experiências vivas com a escrita, um reencontro entre a linguagem-alma, termo em Guarani *Ñe'ẽ*. O que se pretende com as práticas em coletivos é ampliar a escuta ao corpo no encontro com a dor, em um cuidado ético com a experiência, com as histórias que estes corpos desejam contar ao se tornarem múltiplos, em uma ocupação de território político, social e espiritual, ao se apropriarem de suas narrativas, descolonizações insubordinações.

Palavras-chave: clínica da escrita, filosofia da diferença, Geruza Zelnys

ERMEL, Embrace and support the writing from silenced bodies. The authorial entity as active micropolitics[Masters in Clinical Psychology]. Postgraduate Studies Program in Clinical Psychology, Center for Subjectivity Studies, Pontifical Catholic University of São Paulo, 2022.

This work investigates the hypothesis of the disintegration of human potential by traumatic experience. Suffocated in bodily dimensions, the subjective response to trauma can silence, sicken, kill. The relationship with memory to survive what overflows is not always liberating. The survival of traumatic experiences is often glued to a perverse subjection; life apart from what it can. The different forms of capturing the unconscious rely on the silencing structure of trauma in its psychophysical split; in its facets of power accumulation and oppression. The incarceration of the body in violent marks is also structural, social, historical. These bloody wounds surface in everyday behavior. Writing from the perception of the body can reveal blind spots in the expression of the voice that emerges from the experience, revealing constraints, singularities, and insurrections. Based on a cartography on the methods of Curative Writing, *Serpent Poetics* by Geruza Zelnys, this work proposes a study of the philosophy of difference and other authors influenced by their historical time, in order to create a clinical path through living experiences with writing, in a reencounter between language and soul, a term in Guarani Ñe'ẽ. What is intended with collective practices is to expand listening to the body in the encounter with pain, in an ethical care with the experience, with the stories that these bodies want to tell when they become multiple, in an occupation of political, social territory and spiritual, by appropriating their narratives, decolonizations and insubordinations.

Key words: writing clinic, philosophy of difference, Geruza Zelnys

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:

CG- Citação de Geruza Zelnys

EG- Escritos de Geruza Zelnys

EP- Escritos de Patricia sobre as oficinas

EC- Escrito das companheiras sobre as oficinas

CARTA DE ABERTURA

Caros professores membros da banca, colegas, devir leitoras, Geruza Zelnys, Gostaria de dizer que a escrita cura. Gostaria de me salvar, salvar a humanidade com processos criativos, fabulações potentes. Temo não ser possível. O rombo existencial é um pouco mais embaixo. Quantos escritores geniais não se salvaram? Se a escrita salvasse Sylvia Plath, Virginia Woolf, David Foster Wallace, Ernest Hemingway, Ana Cristina César, Anne Sexton, Yukio Mishima e tantos outros... O tabu do suicídio nos desafia a procurar outras conexões com as potências. No oriente, em especial no Japão, o Harakiri, ou o ato de tirar a própria vida, não só parte de uma dor imensurável, como simboliza um ato em nome da honra, da não sujeição. A não sujeição é um cuidado consigo e, portanto, com os demais. Ao encarar a doença, para sair da interrupção de fluxos, a salvação invoca a necessidade de transcender enquanto a cura pode ser resultado de uma transformação. Deixemos a salvação para as religiões monoteístas. Será que os legados destes grandes escritores foram capazes de devolver ao homem a potência de transfiguração do mundo como necessidade incontornável? Mediar tamanha sensibilidade em contextos violentos, traumáticos, é realmente viável? Curiosamente, a dedicação quase insana e introspectiva desses escritores desafia o tempo; suas obras sobrevivem a seus corpos, tornam-se mais vivas a cada leitura, proporcionam as mais variadas experiências além da superfície cotidiana de afazeres, das subordinações. É possível dizer que as heranças turbulentas de seus escritos são sementes de potência. Imortais. Não só por seus feixes de forças como pelo trânsito entre a vida e a morte nas histórias. Vejo o mergulho à profundidade das emoções na elaboração escrita como um exercício de permanência na duração; uma outra forma de experimentar o tempo segundo Henri-Louis Bergson, talvez semelhante a como os povos originários dimensionam a presença; um eterno devir. Perceber que a criação de uma obra é maior que a própria vida não diminui a arte de viver, simplesmente a intensifica. De que vale uma vida sem intensidade, sem pulsão? Este é o meu desejo: fazer da escrita um exercício pulsional. Agarrar a vida como uma obra de arte, como uma multiplicidade de escolhas. Chego a este trabalho envolta pelos fantasmas de milhões de mortes pela pandemia, pelas tentativas de suicídio ao meu redor, pela passagem do meu pai. Peço licença a Geruza Zelnys pela antropofagia de seus métodos, de suas inquietações. Peço licença para devorar as preciosas aulas dos professores que compõem esta banca e todos

os autores com quem entrei em contato nos últimos anos. Não sei se posso dizer “cura”, mas habitar as feridas tem sido um exercício clínico, ético, político, transformador, quem sabe, para mais alguém.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: O PLANO: Encontro com as oficinas de Geruza Zelnys.....	12
1.1 A Escrita Curativa.....	12
1.2 A Poética da Serpente.....	29
CAPÍTULO 2: CONTRA PLANO DA OUVINTE.....	51
CAPÍTULO 3: ENSAIO SOBRE O INDIZÍVEL: a morte do pai.....	59
3.1 O acontecimento.....	59
3.2 O luto.....	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101

INTRODUÇÃO

Um corpo silenciado é por onde começo, é por onde sou levada a escrever. Um corpo calado ao tornar-se maternidade. Pouco se fala sem que o tom se confunda com uma escuta surda, reclamações para o nada; contínuas negligências de políticas públicas, exclusões acadêmicas. O dispositivo da escrita abriu fendas, transbordamentos, apresentou outras formas de leituras, outros possíveis. Os testemunhos da vida cotidiana têm se revelado testemunhos preciosos do nosso tempo histórico, dos calabouços patriarcais. No ocidente, desde a era medieval, corpos femininos vêm descrevendo o que depois foi batizado de psicopatologias do cotidiano arriscando criticar estruturas, evidenciar fraudes nas conquistas por direitos, dignidade, igualdade; Cristina de Pinzan¹, Mother Mary –Mary Wollstonecraft, Elaine Showalter, Jane Austen, Irmãs Brontëe, Virgínia Woolf, Audre Lorde, Carolina de Jesus e tantas desconhecidas. Cheguei até Geruza Zelnys² por atravessamentos. Ela me apresentou aos meus escritos como um corpo e inaugurou alteridades, potências. É por esta liberdade e com este agenciamento clínico³ que embalo o que você lê. A escrita que vinha no grito ganhou contorno para ser livro e a finalização se deu no encontro com as oficinas, a travessia para esta investigação.

A experiência prática das oficinas de escrita criativa desenvolvidas por Zelnys convida a caminhar por atalhos xamânicos, literários, filosóficos, encruzilhadas com a filosofia da diferença em Deleuze e Guatarri, pontes com a linguagem em Levinas, Agambem em uma rotatória derridiana, barthesiana entre outros, em espirais feiticeiras ascendentes em Oxumaré, Ewá, Exú, descendentes em pretos-velhos, pombas-gira,

¹ Cristina de Pizano ou Pizan nasceu em Veneza em 1365 e viveu em Paris, pois seu pai, Tomás de Pizan, médico e astrólogo, a convite de Carlos V tornou-se seu tutor. A morte do rei, em 1380, foi uma perda significativa para a família e Tomás morre em 1405. Com três filhos e sogra para sustentar e logo viúva, Cristina se converte em homem para viver de sua escrita sem deixar de constituir uma obra literária feminista.

² Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP com pós-doutorado em Filosofia da Educação (UNIFESP). Pesquisa as potencialidades performativas, educativas e terapêuticas dos cursos de escrita literária. É a idealizadora e criadora do método Escrita Curativa, aplicado em cursos que mesclam as potencialidades criativas e terapêuticas da escritura.

³ Do grego *kline*, inclinar ou curvar; *klinikós*; que diz respeito ao leito; pelo latim *clínicus*. A clínica ou klinike era o inclinar-se do médico sobre o doente acamado para ouvir o que ele sussurrava. Clínica do latim *clínicus* é também um conjunto de cliente e cliente é um indivíduo dependente. (Verbete. Dicionário Médico Stedman e Novíssimo Dicionário latino-português).

serpentes, devir animais. E para além dos arcabouços teórico-práticos, em suas veias abertas; acontecimentos, conexões vitais, afetos.

O percurso da pesquisa se divide em três partes:

O primeiro plano traça uma breve resenha das oficinas de Zelnys, na perspectiva singular da participante; A Escrita Curativa; no alinhamento entre o corpo, voz e a palavra, A Poética da Serpente; ao investigar os limites da autoria no corpo encarnado.

O segundo momento traz um recorte da experiência nas oficinas, no contra plano da ouvinte, nos encontros com os elementos de sustentação, ancoragem e bordas na relação .

No terceiro, reta final do percurso, o contra plano segue em processo de constante desconstrução e desterritorialização das formas e forças. A câmera se afasta, em um *contre-plongée* e se rompe. A morte do meu pai como travessia, acontecimento, encerra a dissertação. Desde o agudo das notas, faço da escrita da dor um dispositivo clínico político para encarnar novamente meu corpo, reviver a experiência para habitar e multiplicar as perspectivas.

OBJETIVO GERAL:

Cartografar as oficinas de Escrita Curativa da poeta e pesquisadora de literatura líquida Geruza Zelnys, a partir das práticas como participante e ouvinte na direção de uma singularização da criação literária nos encontros com a potência em experiências traumáticas ao ampliar o cuidado ético da escuta na mediação.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Desenvolver possibilidades de oficinas de escrita a partir de lugares silenciados pelo efeito do trauma no corpo, com foco na ética clínica do mediador. Aprofundar o conhecimento dos vetores de forças dentro da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari na construção constante de um espaço de autonomia da expressão escrita, da(s) voz(es) em conexão com as experiências do corpo.

CAPÍTULO 1: O encontro com as oficinas de Geruza Zelnys:

“Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”.

Clarice Lispector

1. 1 Oficina de escrita curativa

Plano como participante.

O raio.

Deparar-se com a dor é inevitável. O efeito se escreve em sulcos orbitando um vinil riscado. Volta-se a ela, volta-se a ela volta-se a ela. Por quê? Por um sadismo humano? Por que as estruturas de manutenção do poder se atualizam oprimindo os mesmos corpos?

Me tornei mãe da minha filha perto dos quarenta anos. Mãe solo de partida. O pai foi um afeto em trânsito para outro país, um planeta onde os homens são eternamente filhos e se tornam pais por negligência. Meu vinil ficou riscado em uma sensação desesperadora de um corpo abandonado, invisível. A presença de Medeia se infiltrou dentro da mãe sobrecarregada, da mãe insuficiente. Transbordar para a escrita foi o caminho possível para encarar a ficção sobre o monstro. Aprendi a meditar e, mesmo redimensionando a relação com o tempo e com a autoria dos pensamentos, foi o exercício da escrita que permitiu o mergulho nas feridas sem perpetuar grilhões ou estar constantemente assombrada por eles.

Perambulei por oficinas de escrita criativa por dois anos. De uma para outra, escorria das narrativas histórias sobre outras mulheres. Ser mãe me apresentou a um território movediço, perigoso, solidário; desejei nomear estas forças. A maternidade desterritorializada por qualquer desejo de consumo tornou um obstáculo para a sociedade do desempenho dentro e fora do meu corpo. Me vi reduzida à condição mulher-mãe, responsável por uma família que não fiz sozinha. Quando conheci a escrita de si como possibilidade de transformação, intuí que para falar sobre outras mulheres

era importante ter claro como o feminino me atravessa, e levá-lo para passear em outros interiores, outras ficções, culturas. Descobri, na minha escrita, que a culpa na ficção não move a trama adiante. A cada tentativa de elaboração, uma alteridade surgiu na ocupação do corpo.

Entro na sala do curso.

Uma mesa de madeira sob uma toalha rendada branca, um altar: conchas, Preto Velho, colares, pequenas caixas. Estou confortável com os adereços de matrizes africanas, povos originários, com a alegria da anfitriã. Somos cinco mulheres, seis com Geruza. Nossas idades se alongam dos trinta aos sessenta e poucos. Serão nove encontros de três horas. O estômago se contorce. Desconfio do significante cura. Ele me leva ao desconforto dos sentidos, ao amargor do remédio. Talvez por se apresentar como investigação, por um começo dolorido, temo espremer um pus, desinfetar uma ferida. Nas palavras do etnopsiquiatra Tobie Nathan, “curar é um ato de pura violência contra a ordem do universo. E nenhuma terapêutica é mais violenta do que aquela que se dedica a curar a alma”⁴. É difícil imaginar mais violência. Me conecto com a imagem do ardor – ar na dor; promessa do tempo em transformar a memória que o corpo não consegue nomear. Os sinônimos sugerem falta; reintegração, reposição, reabilitação, regeneração, resgate, reconquista, retomada, restituir, readquirir. Cura também me remete à tradução de padre em espanhol – o estrangeiro que vem de fora para a escuta, para a confissão de uma dinâmica aprisionada entre a culpa e o arrependimento. Cura irrita, a autoajuda abusou do termo. Não é fórmula pronta. Garantia. Não acontece só de fora para dentro. Desafia o tempo, lenta, efêmera. Confunde o lugar das causas. Prefiro pensar em cura de capturas.

Leio o enunciado:

Escrita Criativa. Escrita Curativa. Ferida. Palavra. A palavra “ferida”. Escritura. Arquivo. Corpo. Memória. O corpo da memória. Do/ente ao Escrevente. Para o que a mim me dói falta uma palavra. []. A emergência criativa da dor. *Poiesis*.

⁴ Nathan, T. L'influence qui guérit. Paris: Odile Jacob, 1994, p.13.

Autopoiesis. Criação do eu que ao eu me falta. Enfim. De como voar com asas quebradas.

Encontros de criação literária que, a partir da consciência do potencial criativo da dor, estimulam a criatividade nublada por afetos memorizados no corpo físico/emocional, lapidando-a pelo processo de recriação do corpus artístico.

Media-dor: Geruza Zelnys

Temas abordados: corpo/corpus, arquivo, pele/tato, limite, corte/costura, palavra/rumor, amoremor, hospitalidade, visitação, posição, silêncio, uma flor, um segredo, prazer, promessa...

Um raio. Olho para as minhas asas quebradas. Pensei no que o neurologista, químico e escritor Oliver Sacks chamou de habilidade latente.

Pausa para um cafezinho:

Em seu livro *Alucinações Musicais* (2010), Sacks conta a história de um médico que é atingido por um raio durante um temporal. Depois de voltar à consciência, ele passa a ouvir certa ária de Beethoven. Sua obsessão musical o leva a comprar muitos discos até que sua vizinha lhe deixa um piano. Suas aulas de música começam tímidas, mas as notas musicais dentro de sua mente dominam os afetos, o seu tempo como médico. Ele se separa de sua família e se dedica ao piano compulsivamente. Em pouco tempo, é capaz de apresentar-se em concertos, fato que sonhou um pouco antes de ser encorajado por Oliver Sacks. Em seu estudo, Sacks observou que todos os seres humanos têm habilidades latentes. Elas podem ser ativadas na primeira infância se houver adultos atentos, ou surgir mais tarde por algum gatilho, por um colapso no sistema nervoso, como no caso do médico.

Talvez o raio seja o desejo de provocar colapsos potentes.

Fiquei com o eco da palavra cuidado.

O que sei é que fui tomada pela intensidade da escrita.

Primeira parada. Corpo-corpus.

O cérebro como parte do corpo é percebido pela mente como um pensamento e não como massa cefálica. (Um neurocirurgião pode discordar). A consciência do corpo que escreve nem sempre está atenta à sua fisicalidade. É mais fácil a conexão com as sensações, com as ideias, com as percepções dos sentidos. O aspecto subjetivo na atenção ao corpo é o que Jean Luc Nancy (2012) e Jacques Derrida (1992) chamaram de *corpus* – um corpo de ideias atravessado por elementos autobiográficos. Na Escrita Curativa de Geruza, o corpus é desafiado a integrar corpo, voz e escrita. Direcionar a atenção para o corpo-corpus traz uma dimensão diferente da experiência. A memória do corpo ocupa lugares precisos na memória dos acontecimentos. São atenções potencialmente integradas atuando suas dissociações culturais, éticas, traumáticas. O trauma aparece como uma pulsão paralisada em seu exercício. Como dar voz a essas fendas no corpo, ao que foi silenciado? “O elemento da voz surge como subversão, uma ruptura da clausura do corpo ao deflagrar uma misteriosa incongruência entre o acontecimento do mundo sonoro e o mundo da matéria, escapando da percepção sensorial” (ZUMTHOR, 1997, 14-5). A voz literária tem um encontro com este desencaixe, com este ruído entre a linguagem e a alma.

Qual será a relação entre trauma e acontecimento?

Saltamos ao primeiro exercício: observar um corpo externo específico e escrever o que ele nos diz.

Os textos pousam tímidos sobre a mesa da semana seguinte; sabemos neste encontro que estes corpos sofrerão a violência das primeiras leituras. Apresentei um poema em rimas pouco elaboradas, extremamente simétricas. As rimas, segundo Geruza, apontavam blindagem afetiva, dificuldade em expor o que estava por trás das palavras, como se rabiscassem muros de concreto. Sem investir em vaidades (é curioso o adestramento a que fomos expostos, a fome por reconhecimento) somos apresentadas ao termo biografema, palavras/grafia que se repetem em nossos corpos-textos/bio ou na particularidade do nosso vocabulário. Estas singularidades passam a ser pistas sobre um

inconsciente presente no corpo – abrem uma nova lente para ler e escrever, para desnudar-se como leitor e escritor. Alguns biografemas flagraram no texto, a sensação do cair a calça; aquela de suspensórios dos clowns – do jogo esconde-revela, do universo de possibilidades que se abre depois que o ridículo se instaura e nos liberta de nós mesmos.

Avancei para exercício seguinte com o desejo de aberturas; nos toca eleger uma forma de alimento entre cinco opções e escolher uma para escrever a partir dela. Estamos penetrando o que Geruza organizou como a segunda parada: o corpo-arquivo.

Uma coisa é olhar para o corpo a outra é ouvir o que este corpo quer expressar. Quando fazia exercícios de clown, havia um momento que se chamava: “nada a dizer”. Ficávamos parados na frente dos colegas, como se estivéssemos no palco, aguardando uma leitura de campo nossa em relação ao todo. Essa leitura não permite elaborações racionais, tem que partir do corpo. Lembro que, depois de alguns perturbadores minutos em silêncio, minha coluna começou a se mexer. Só pelo fato de ondular os movimentos, surgiram personagens. Em instantes, não conseguiria precisar: um deles tomou a palavra, e os gestos de sua personalidade no meu corpo pareceram sempre estar lá. A leitura dos textos passa por essa “leitura de campo”. Detectar as palavras que se repetem é também detectar estes primeiros movimentos de ruptura do silêncio. De posse da ideia de biografemas, nossas leituras arriscavam sintomas, pistas do que está se movimentando entre as marcas e a ficção sobre elas. Barthes traz o ato da leitura como uma “hemorragia”. Cada forma escolhida sangrou uma verticalidade de conexões, um feixe de forças em direção ao corpo presente.

CG: O que está travado no meu corpo não libera a minha singularidade. As leituras no terceiro encontro ganharam abismos. Os biografemas funcionam como “cápsulas imagéticas”, segundo Barthes. “Cronotopos”, aos olhos de Bakhtin, tempo/espço, revelam o que o texto traz como elemento oculto. É possível evidenciar nas leituras em voz alta incongruências entre a fala e o corpo, engasgos em certas palavras, gagueiras. Não se trata de regra de avaliação para os biografemas, nem para os lapsos e falhas de leitura; trata-se apenas de aumentar a lente para o corpo enquanto expressão das palavras. CG: A respiração é um lugar de uma pesquisa poética; no outro, estou vivo. Não há juízo de valor sobre a qualidade dos textos: é sobre o reconhecimento das

palavras no corpo, no dizer em sua complexidade, no que escapa dos detalhes. Do meu texto, surgiu uma memória de infância inédita; trouxe uma das tantas tardes em frente à televisão em companhia da família de Joe Boy, da série “Os Pioneiros”. Fui pega nos meus nove anos sessão da tarde-babá, projetando uma família feliz, equilibrada, enquanto o pau comia em casa. Foi interessante perceber que não seria uma escolha consciente escrever sobre esta lembrança. O arquivo se descolou de um espaço amalgamado e sobreposto de experiências. Mas a forma. A forma do que foi observado invadiu os arquivos de infância. Depois de lermos todos os textos, foi-nos revelado que a primeira forma de alimento observada envolvia a espiritualidade como tema; a segunda, a infância; a terceira, dilemas do pensamento; a quarta, a sexualidade; a quinta, multiplicidades associativas. Estou procurando, nos estudos de Jacques Derrida sobre Freud na relação de arquivos com a psique, como Geruza chegou a um arquivo-gatilho tão preciso na semiótica da representação de nutrição; resultado de alquimia e modificação direta ao que está disponível na natureza. Um dos primeiros agenciamentos feitos pelo ser humano.

Ficamos mais atentos à cisão entre corpo e palavra. As escolhas intuitivas sobre as formas revelaram outras percepções sobre nossos corpos-corpus, experimentamos uma falta de controle sobre o que foi expresso. Descobri como a escolha por uma forma pode disparar um caminho de virtualidades inconscientes. Vivenciamos o risco de um corpo-arquivo não planejado, um estado de suscetibilidade propício à criação. Portanto, à próxima parada: o corpo-morada.

Inspiradas pelos conceitos de casa em Gaston Bachelard (1978.p.201) - “um lugar para abrigar devaneios, sonhos, uma proteção para as tempestades da vida, corpo e alma” – e pelas imagens de Carlos Drummond (2009) - “ventos encanados, batidas de portas, pesadelos dos móveis” - também lembradas pelo dicionário Houaiss (2001, p.1958) de que “casa” abriga, entre outras coisas, o significado de cemitério, túmulo, sepultura entre as possibilidades de um endereço residencial.

Vemos uma imagem do livro de Roland Barthes (1980) sobre fotografia. Logo abaixo está comentário de Lewis H Hine: “Desprezo todo saber, toda cultura...vejo apenas a imensa gola Danton do garoto e o curativo no dedo da menina”.



*“Desprezo todo saber,
toda cultura . . . vejo apenas
a imensa gola Danton do garoto,
o curativo no dedo da menina . . .”*

Lewis H. Hine: Anormais em uma instituição, New Jersey, 1924.

Na minha percepção, a foto mostra duas crianças no começo do século XX. A menina maior de perfil em um jardim de uma casa de campo, acompanhada por um menino magro talvez, e muito menor que ela. A casa no fundo da imagem, os dois sobre um gramado e duas árvores em cada lado. A figura do mais baixo se assemelha a uma pessoa com nanismo. Chama atenção a seriedade do olhar da criança de perfil, o tamanho de sua testa, o curativo no dedo, a distância em que ambos se encontram da casa. Eles podem ter escapado do horário do lanche ou foram brincar e pararam para contemplar a tarde, mas... estão posando para a foto. Lewis H. Hine desconstrói o que se espera de uma instituição que abriga “anormais”, um estudo traçado por Michel Foucault de como as percepções sobre os corpos modelaram as leis e as políticas públicas. Não é possível nomear apenas uma das sensações entre a relação dos atores na imagem. Quanto nossa percepção está condicionada a estruturas de repetição

capturadas? Ao tentar decifrar a foto, parece que algo escapa e mais uma informação volta a se apresentar. Este algo leva a um lugar de alteridade. Não só pelo estranhamento, como pelas inúmeras possibilidades que surgem dessa percepção.

A foto, extraída do livro *A Câmera Clara*, se conecta ao conceito de Roland Barthes sobre *punctum*:

Trata-se de uma mutação viva do meu interesse, uma fulguração. Pela marca de *alguma* coisa, a foto não é mais *qualquer*. Esse qualquer coisa deu um *estalo*, provocou em mim um pequeno abalo, um sartori, a passagem de um vazio (pouco importa que o referente seja irrisório) (BARTHES, 1984, p.77).

O desafio em direção à próxima parada nos convida a fechar os olhos em um lugar tranquilo, levar a consciência a uma casa de nossa memória, encontrar um objeto, uma foto ou o que possa ter o efeito *punctum*, abrir os olhos, e escrever. Nas palavras de Barthes (1980): “abrir a fenda a uma vulnerabilidade e deixar escorrer”.

Este exercício foi realizado na casa vazia dos meus pais. Com um afeto inusitado, reconstituí uma cena que muito me apavorou na infância e que retornou em algumas ocasiões: o ritual genocida da minha mãe. Apesar do amor vivenciado na musculatura do teclado, o que estava exposto em palavras era extremamente dolorido. Ler em voz alta trouxe espanto e horror às companheiras de escrita. Pude observar uma certa coragem em transitar pelos espinhos da cena. Como em uma memória cinematográfica, o objeto que narrou a cena foi uma caixinha de biscoitos. A caixinha guardava a arma do meu pai. Esta caixa era o *punctum*. Na percepção da criança sobre a memória, a caixa tinha uma importância singular, era objeto de desejo para as brincadeiras – no contexto em que estava, a caixinha era testemunha de uma tragédia anunciada. Quantas cenas esta caixinha testemunhou, quantas histórias ela poderia contar sobre o que eu não lembro? Não carreguei as imagens comigo pelas ruas naquele dia – escolhi abrir meu livro com elas, como um pacto de sangue, um pacto de verdade entre escritor e leitor – uma promessa de saída do túnel para um lugar diferente. Foi libertador falar sobre esse evento. Não por ter exposto minha família, minha menina, mas sim por conseguir falar sobre uma experiência silenciada em meu corpo. Ao escrever sobre ela, um espaço se abriu entre as sensações; ao ler em voz alta, as sensações trouxeram um efeito diferente,

um sobrevoo de drone; permitiu ver a cena holisticamente e, também, desde uma caixinha de biscoitos. Os textos das colegas foram emocionantes, impactantes. O exercício provocou a ida ao submundo da memória e trouxe materialidade para a experiência. Era como pegar a memória com as mãos e abrir a ferida para encontrar um enigma, uma chave para uma porta desconhecida ou um pedaço de bala.

Reconhecer o punctum nos textos permitiu testemunhar um lugar mágico de avaliação, extrair o que deslizou do controle do escritor, do domínio da escrita. O punctum, na minha leitura, é aquilo que grita entre o que o escritor acredita ser sua intenção e a ressonância do acontecimento. É também o fotógrafo da cena que coloca a câmera em um lugar inusitado. A recepção dos textos punctum para os que conseguiram realizar a proposta foi uma imersão na objetividade da memória subjetiva. Nos deparamos com nossas câmeras-testemunho, vórtice gerador de ficções e, portanto, um cuidado estratégico ao que ocorre com o corpo pelo corpus. O nosso corpo-arquivo pôde ser habitado como morada. CG: Foi como desejar o trauma para encontrar a potência de criação. Ficou claro, a partir deste momento, que as propostas curativas são acontecimentos; experiências vivas no tempo presente sem espaço para elaborações, mas para uma qualidade de presença que não comporta devaneios. Escrever a partir do punctum materializa o trânsito entre os tempos da memória – uma apropriação ampliada e alterada da experiência, das emoções no tempo e no espaço.

Barthes investiga o que não se repete em uma fotografia; a captura de um momento em sua autenticidade. Segundo o autor, dentro da imagem, o essencial se joga até você. O encontro com o punctum é um encontro com a singularização do olhar, com a percepção intransferível de novos enquadramentos da sua câmera inconsciente.

Ainda impactados pelos exercícios anteriores, somos convidadas a habitar o corpo da outra. Qual perspectivismo se faz necessário para alcançar humanidade, animalidade, as forças da natureza? Como não se colocar no lugar do outro para escrever sobre ele sem a contaminação de si? A oficina nos apresenta o texto Gestalt, de Hilda Hilst, no qual a relação entre um porco revelado porca e um matemático ganha cumplicidade afetiva. Porco é anagrama de corpo. A porca parece ter características autobiográficas. A porca não tem discurso direto, a narradora descreve seus movimentos e reflexões em tempos diferentes da memória e a leitura do relacionamento entre os personagens desperta filosofias curiosas.

Nesta parada, somos desafiados a escrever sobre o corpo-outro; sair da autoria de um “eu” para um outro que pensa e age por vontade própria.

Recebemos por sorteio o nome de um bicho desconhecido. A nós nos coube investigá-lo cientificamente, a nós imaginar em seu habitat e a escrever como se fôssemos ele.

Escrevi sobre uma determinada espécie marinha em conflito existencial até um evento mudar o seu destino. Percebi pelas leituras das colegas a transferência da dor para outro corpo: o ser teve como destino encarar a paternidade solo. Foi como sair de si para voltar a si no encontro com o animal. Estar no corpo do outro com as limitações e idiossincrasias características da espécie (ele se alimentava de detritos, trocava de concha quando inchava, vivia perto das anêmonas) trouxe a força da incorporação da alteridade sem abrir mão da bagagem de quem incorpora. A diferença entre incorporação e construção é que o corpo se empresta a outra dinâmica de consciência, a outras necessidades biológicas em suas ações, sem julgamentos. O resultado são ficções que podem ou não ter a ver com as suas e, de brinde, desnudar quem as escreve. A dificuldade do meu animal eremita em locomover-se e a alimentação por cadáveres marinhos me ensinaram sobre como nutro meus arquivos e como os invoco em meus escritos.

A antropóloga e escritora Nastassja Martin (2021) escreveu um ensaio corajoso sobre o seu encontro com um urso na Sibéria. O urso comeu parte do seu maxilar, da sua perna. Diferente do que poderíamos imaginar sobre o efeito em seu corpo, com o passar dos dias, Nastassja incorporou não só o animal como a visão anímica da relação entre animais e humanos do povo evano na Sibéria. Os seus instintos lhe assombravam em outra percepção de mundo. O que para muitos era uma sentença de morte para ela tornou-se renascimento.

Nem sempre as incorporações estão autorizadas pelo seu corpo. O efeito dissociador do trauma pode nos manter suspensos, pouco encarnados. Este estado de suspensão permite que pessoas e forças invadam a psique, o seu corpo. É assim que começo a entender a quinta parada: o corpo-intruso. De olho nas palavras que saem do corpo, dos referenciais da memória que ativam a engrenagem da criação, reconhecendo a morada do corpo e a possibilidade do outro, como seria escrever sobre o intruso?

O intruso se introduz a força, de surpresa ou por astúcia, em todo caso sem direito, sem ter sido de saída admitido. É preciso que haja o intruso no estrangeiro, sem o que ele perde sua estrangeiridade. Se ele já possui o direito de entrada e de estada, é esperado e recebido sem que nada dele fique fora de espera nem fora de acolhimento, ele não é mais o intruso, tampouco, o estrangeiro. Também não é logicamente aceitável nem eticamente admissível excluir toda intrusão na vinda do estrangeiro. Uma vez que está aí, se ele permanece estrangeiro, durante todo o tempo em que o permanece, em vez de simplesmente “naturalizar-se”, sua vinda não cessa: ele continua vindo, e esta não deixa de ser por algum lado uma intrusão: isto é, de ser sem direito e sem familiaridade, sem hábito e, ao contrário, de ser um desarranjo, uma perturbação na intimidade (NANCY, 1948, p.3).

Escrever sobre o intruso denuncia nossa relação com ele. Na minha tentativa de escrita, não consegui saber quem era o intruso, mesmo com a certeza de escrever sobre ele. É muito comum naturalizarmos a presença de um intruso, adequar-se ao mal-estar de sua presença, à constante sensação de uma vinda que não cessa, segundo Nancy. Escolhi escrever sobre um momento da minha vida anterior à maternidade, quando alugava um quarto em minha casa para um amigo. Este amigo se apropriou da minha intimidade, da minha pesquisa naquele momento e ainda me apresentou ao pai da minha filha. Comecei o texto pela raiva que sentia por ele. Foi intrigante, a raiva foi uma das forças que motivaram a escrita do livro. Naquela passagem sobre a nomeação do intruso, as palavras se recusaram a fluir. Escrevi um texto prolixo. No final de todas as leituras, Geruza perguntou quem em meu texto se apresentou como intruso. Um silêncio entre colegas sussurrou: “o pai da sua filha”. Percebi que o livro a ser finalizado tratava, entre outras coisas, de responder ao intruso, como sobrevivi a ele e a tantas situações invasivas. No exercício, enquanto respondi ao intruso errado, as palavras se embolaram. Tive que reescrever este texto algumas vezes e o resultado... ainda não chegou lá. O livro, no entanto, apropriou-se da relação com o intruso e, sem esse objetivo, libertou-se dela.

Reconhecer o intruso exige um reconhecimento dos movimentos das forças em nossos corpos. É como incorporar uma entidade não autorizada, uma entidade que usa a sua casca, descarta e te deixa conversando com o resíduo inominável. É como ser

estrangeiro em seus desejos, como conviver com um barulho incessante. É sobre hospitalidade incondicional ao desconhecido. É como um enxerto, uma prótese, um chip, um branco, um buraco, uma dor crônica, uma doença.

Deixar impregnar-se do intruso é um encontro dolorido com

O que se expõe em minha ausência, e, nesse sentido, respondo por ele e nele, de modo que somente posso ser sujeito político através dele. O nome é minha potência de verdade porque tudo o que tenho de meu que, ao mesmo tempo, não me pertence, pois é um para o outro (NANCY, 1948, p.4).

Passando à próxima parada, nos deslocamos do perspectivismo para a alteridade em uma invasão fusionada do outro em nosso corpo-morada, no incendiar do corpo-arquivo onde o corpus nem sempre alcança o tempo do acontecimento.

O corpo em agonia, o corpus paralisado.

Como criar movimento ao encarar o desejo pelo intruso? Como erotizá-lo? Na sexta parada, estamos diante do corpo-desejo e nossa tarefa será erotizar o intruso.

Se não foi tão evidente encontrar o intruso na vida das palavras, erotizá-lo pareceu impossível. O texto dobrou-se em poesia para tentar realizar a proposta:

Queda Livre

Os pés trapacearam e caí.

A queda livre primeiro mata

de medo

de gozo desmedido

que impressiona o previsível.

O despencar

dura

mesmo quando em pedaços o chão segura

o prazer do voo.

Alguns fragmentos se arrependem

outros têm raiva outros se rendem
à perda
do sentido de si
do outro.
O coito sabe ser instinto se disser que não quis eu minto.
O reptiliano não é engano, mas a força vital
por trás do racional que te protege
de sentir
o descontrole
o avesso
da eterna viagem.
Será que quis saltar e não tive coragem?
De longe você nem é escolha jamais abriria uma rolha
em sua homenagem
mas as pernas as costas
as nádegas
a cintura
abriram a compostura a ruptura
do discreto
no sacro
profano do teu pau ereto
nadando entre as substâncias que jorram no escuro
no murro
de sensações
mexilhões mãos cheiro do toque o rock
que me atravessa
e se perpetua
nos dias frágeis
da minha imagem nua

CG: Há três formas de erotismo em George Bataille: dos corpos, dos corações, do sagrado. Penso que uma forma não está separada da outra. O sagrado organiza o espaço para o surgimento do profano e vice-versa. Um torna-se enunciação do outro em constante autonomia de reorganização das forças. O coração como lugar do pensamento, da criação, se pronuncia como uma atenção para os afetos. Agarrei o

intruso com os pés sem estremecer, ou melhor, foi no estremecimento dos pés que ele se mostrou afetável, pelo menos por um poema.

A parada do corpo-base veio como uma virada de fluxo, era preciso deixar nossos pés incorporarem a voz autoral. Calejados e invisíveis nos deparamos com a relação de assujeitamento entre as partes do nosso corpo. Os pés subalternos à mente ganham o poder de fala. Ela nos apresenta “Pode o subalterno falar?” (2010) O ensaio de Gayatri Spivak sobre as relações de sujeição.

Era preciso ouvir com atenção as reivindicações dos nossos pés. O preparo estava na imersão das bases em uma bacia de água quente.

Outro cafezinho

Lembrei o documentário de João Moreira Salles sobre o *Santiago*, antigo mordomo de sua família. Salles o filmou desde seu lugar de patrão e diretor, impondo os planos, os quadros, as perguntas. O filme ficou guardado por mais de uma década. Santiago faleceu no tempo parado do material e algo moveu o diretor a retornar a ele. Nesse encontro, presenciou-se um fato assustador: não foi possível acessar Santiago no que ele realmente dizia. A posição de filho do patrão era uma distância longa demais para que a voz de Santiago pudesse ser ouvida. Na reedição, o documentário concentrou-se nessa tensão, na dificuldade de João em ouvi-lo.

Quem fala quando os pés falam? CG: Jose Gil sugere abrir o corpo, o corpo que se incorpora de consciência. Mover os pés como micropolíticas corporais que geram movimento em todo o corpo, hiperexcitando o espaço para dar lugar ao corpo do trauma que vem à tona, em uma dança Pina Bauschiana, inaugurando um corpo erógeno (GIL,1997).

Como ajustar o corpo à caminhada dos pés? Nos passos que desenham círculos? Como é esse novo movimento na escrita? Tropeçamos nesta encruzilhada Geruziana.

No meu texto, reconheci um discurso sociológico pronto, comprado de um ideal socialista. Não foi uma dança, um movimento pelos ou dos pés. O que se moveu foi a consciência da tensão contínua. Não duvido que a relação que tenho com meus pés, tenho com os privilégios de classe, da branquitude, em curto-circuito com minha invisibilidade como mãe. A escritora Val Flores tem um ensaio intitulado “Escrever contra si mesma”, onde pinça dispositivos de poder emaranhados em sua linguagem e vai ressaltando-os, um a um. Deixar os pés tomarem a palavra deveria ser uma prática diária. Descondicionar estruturas de assujeitamentos não pode se resumir a conceitos bem escritos.

O subalterno não foi autorizado às suas reivindicações.

CG: Os pés caminham sempre no deserto. Chegamos à última parada: O-corpo-deserto. O exercício final nos convida a escrever uma carta para alguém. Uma relação autor-leitor despossuída de um rosto. Escrever para o ser que vem. Um ser qualquer, segundo Agambem, não é um ser indiferente, ele estabelece uma relação original com o desejo.

Nossas cartas chegam ao último encontro e, antes do seu destino final, são partilhadas entre as colegas. É visível a nossa conexão. É preciso deixar a carta em algum lugar público para ser lida – uma autoria perdida na multidão. Eu gostaria de ser aquele que vem em cada uma delas. O afeto que se incorporou às nossas leituras se expandiu para cada singularidade, cada entrega, cada aspecto que confiou no grupo como uma possibilidade de cuidados durante os encontros com a dor, com as violências das leituras, dos escritos.

Saí do encontro em fusão com aqueles corpos. A parada corpo-silêncio vinha sendo tecida ao longo dos dias na perspectiva da espera em ser lida. Ao deixar a carta na estação do metrô, senti um descanso autoral – encontro com o tempo que se abre para esvaziar-se do que foi produzido, para se abrir ao outro que vem, seja lá como for.

CG: Ficamos com o silêncio em Derrida.

“Perdão por não querer dizer”/literatura é o segredo ostentado.

O escritor escreve em uma língua e em uma lógica de que, por definição, seu discurso não pode dominar absolutamente o sistema, as leis e a vida próprios. Ele dela não se serve deixando-se, de uma certa maneira e até certo ponto, governar pelo sistema. E a leitura deve, sempre, visar uma certa relação, despercebida pelo escritor entre o que ele comanda e que ele não comanda, dos esquemas da língua de que faz uso” (DERRIDA, 1973).

Percebi que o caminho de cura nestes escritos tem o sentido de cuidado, com a atenção ao corpo enquanto engrenagem criativa. O corpo é a gênese das palavras, do corpus, da vinda que não cessa. O ato de escrever é um acontecimento, uma qualidade de presença atemporal que movimenta o mosaico da memória e incorpora o inconsciente capturado, arremessa a um estado constante de alteridade, de novas aberturas de pensamento. A escrita pode tocar a dor sem afastar-se dela e, neste encontro, surpreender-se por um afeto nunca antes anunciado. As oficinas de Escrita Curativa são, em primeiro lugar, um cuidado de escuta ao que se produz nos corpos e nas subjetividades, são um caminho para um agenciamento coletivo de enunciação. A autoria se faz pelo efeito do conjunto das experiências nos corpos. A cada escuta, a cada fala, a cada parecer, o corpus sofre alterações, percebe-se outra vez e toca o corpo em lugares que ficaram inconscientes durante a experiência. O grupo, assujeitado por qualquer tipo de violência, apropria-se das narrativas, desvia dos epistemicídios históricos e passa a ser sujeito de suas narrativas, de suas escolhas, urgências, para este corpo ampliado. Os atravessamentos compartilham multiplicidades de experiências nas leituras por vir. Há um movimento clínico político no que acontece aos efeitos do trauma nos corpos em coletivos. Produz-se, na escuta das leituras, o amparo que não esteve presente, o testemunho, a cumplicidade. Por esse trilho-teia, é possível revisitar as cisões entre corpo e alma, corpo e linguagem e criar uma autoria que, antes de encontrar o seu lugar de fala, descobriu a potência da escuta.

As singularidades reveladas nos grupos inauguram a libertação de suas sujeições, de seus espectros. Talvez o termo libertação seja mais próximo da experiência do que o termo cura.

Depois de matar o “anjo do lar”, ou a mulher adequada à domesticação e regras do patriarcado, Virgínia Woolf fala sobre a dificuldade de matar os fantasmas internos dos preconceitos, da necessidade de validação por sociedades comandadas por homens:

Na verdade penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar. Uma rocha que precise enfrentar. E se é assim na literatura, a profissão mais livre para as mulheres, quem dirá nas novas profissões que agora vocês estão escrevendo pela primeira vez?⁵ (WOOLF, 2013, p. 06).

Corpos assujeitados precisam apropriar-se de suas narrativas para abrir caminho para novas memórias, para a atualização de contextos, para a criação de políticas públicas, pelo exercício de suas pulsões e de suas perspectivas.

⁵ Virgínia Woolf leu esse texto para a Sociedade Nacional de Auxílio às mulheres em 21 de janeiro de 1931. Foi publicado postumamente em *A morte da mariposa*, 1942. Profissão para Mulheres e outros artigos feministas. Trad. Denise Bottmann. L&PM.

1.2 A Poética da Serpente

“Eu nunca vi algo selvagem ter pena de si mesmo, um pássaro
cairá morto de um galho sem jamais ter sentido pena de si mesmo

David Herbert Lawrence

Neste ponto da experiência, o livro que se construiu antes das oficinas chegou ao fim. A questão da autoria é perturbadora; não desejei falar da minha vida como um conteúdo, um tema a ser debatido. A vontade de escapar do silenciamento foi a pulsão no corpo atravessado – a vontade de partilhar e de poder conversar sobre as violências. O animal talvez não perdesse tempo aí, ainda que alguma força dele possa ser sentida no parto da filha. Estive acorrentada à síndrome da impostora. Nunca fui tão socióloga quando fui atriz, tão atriz quando me tornei mãe, tão escritora quando a responsabilidade de criar minha filha não permitiu tanto tempo para ler e escrever. Nem me fale da estudante de mestrado. Chegamos à Poética da Serpente com a promessa de encarar a autoria, de emprestar da víbora uma identidade crítica, performática, existencial. Geruza não nos explicou exatamente do que se tratava a oficina. O que pude suspeitar é que, nesse ponto da proposta, a conversa filosófica é com o xamanismo, com as forças da natureza. Os oito rituais propostos são experimentos físicos com os movimentos instintivos da serpente. São rituais porque inferem uma organização da experiência para uma conexão vertical; do animal para o humano e do humano para o animal. Os rituais começam individualmente e os resultados são apresentados depois ao coletivo. Esta relação de forças tem como suporte os estudos de Jacques Derrida, Stanley Kelleman e José Gil, este no que concerne às relações entre corpo e linguagem.

Geruza nos apresenta ao curso:

Sinopse: Poesia e encantamentos. Travessias e atalhos. Política/poética da encruzilhada. Contorções rastros e movimentos predatórios. EAC e devires. Despachos, oferendas e poções. Potlach. Os encontros pretendem promover a discussão sobre o fazer[-se] poético e potencializar a voz criativa, criadora e autoral por meio de trocas, manducações & descobertas afetivas. O tema dos encontros “gira” em torno da serpente com vistas a ativar a energia da kundalini no processo de construção da experiência

poética. Todos os encontros propõem exercícios de escrita que serão partilhados com as participantes, recebendo acentos de diferentes vozes. Esse curso é voltado para a “autoria” e, portanto, os participantes serão desafiados a escrever utilizando certos procedimentos da escrita considerada literária.

Desta vez somos sete performers do feminino e a esticada entre as idades começa nos vinte e poucos até os sessenta e alguma coisa. Cinco são conhecidas da Escrita Curativa. Serão oito encontros de três horas. A mesa traz novos adereços e um chocalho indígena. As dinâmicas começam e terminam com o balançar do chocalho.

Já transitei em religiões de matrizes africanas, fui da umbanda, do candomblé. Incorporei, benzi, deitei para o santo. A vibração do chocalho nos rituais subsequentes ativou o tanger da intuição, dos sentidos; o olfato e o paladar ficaram mais aguçados. O corpo ganhou tônus, intui que precisava de movimentos sinuosos.

CG: A perda dos sentidos em um mundo empobrecido e exaurido deve-se, entre outros fatores, a um excesso de interpretações. Onde estarão os elos com a magia e os mistérios da existência? Como fomos reduzidos a fantasmas ou zumbis do nosso tempo?

Geruza nos lança a essas perguntas e nos conecta aos sentidos-serpente: o olfato (quimiorrecepção) desenvolvido dardejando a língua bifurcada capturando moléculas odoríferas do ambiente e transportando até o Órgão de Jacobson situado no céu da boca, onde processam as informações. A força de sua boca, a qualidade guerreira, a voz autoral também venenosa-crítica-literária questiona os procedimentos. Sua língua bífida, entre o falar e a leitura do dito nos apresenta ao nosso primeiro crítico: nós mesmos. O convite anímico brota kundalini da espinha sinuosa, se expande e contrai, move o corpo e o texto em conexão vital para uma transmissão dessa vivência por um corpo poético, atento à sua:

Respiração

Alimentação

Presença

Corpo consciente

Autoconhecimento

Nessa autoria, os afetos podem experimentar outras formas de interação. Emprestamos da serpente um covil de possibilidades do animal. O termo “mundiar” do Guarani nos é apresentado em uma experiência- anedota de Zelnys pelas nossas matas indígenas. Nela, o significado de mundiar encontra-se com o feitiço que a serpente lança à sua presa antes de dar o bote – a essência desta palavra-força.

A serpente é um animal muito caro aos povos originários: “quando a cobra sonha a terra estremece”.

Somos apresentadas à figura de Oxumaré, uma entidade de matriz africana além-gênero, que traz entre suas características a imagem de proteção, de cobra arco-íris que se alonga, se estende, por forças que dirigem mobilidade, movimento, atividade. Oxumaré está incorporada por um médium em ritual filmado. As imagens do vídeo em um momento da dança, mostram os corpos da entidade, do humano e do animal, em fusão devir multiplicidades.

CG: O que podemos aprender com a anatomia emocional da Serpente?

Quando ela se move, está continuamente mudando de forma. A cada ondulação, ela troca a sua imagem corporal. Essa troca de imagem corporal constantemente é seu órgão psíquico somático. Uma cobra é um animal com mil formas e, ainda assim, uma cobra. A mesma configuração com as três camadas tissulares. Elas expressam energia, ação, informação. Elas representam a superfície, a camada intermediária e o interior – endo, meso, ecto. Elas mantêm a sua forma e, ao mesmo tempo, estão investidas na mudança de forma. Nós experienciamos e percebemos, ao mesmo tempo, a continuidade da cobra e suas formas mutantes. Ambas as mensagens fazem parte da nossa consciência somática.

CG: As três camadas tissulares às quais Keleman se refere são entendidas como um grande estímulo criativo que articula meso, a morfológica de nutrir redondo, endo, sua força guerreira de agir e ecto, seu discernimento mental (em absorver inúmeras informações pela língua, capaz de esquecer do corpo em detrimento de sua mente

brilhante). É importante ter em conta que a visão é o sentido menos potente na víbora, a imersão se dá no nível das moléculas, do odor e temperatura das presas, dos feromônios para acasalamento.

Sinto uma energia erótica de criação, um desejo de escrever desde outros lugares em mim, no outro. Mundiada?

O primeiro ritual foi o nosso encontro/reencontro. Como a incorporação da autoria é também crítica, o clima de benevolência da “Escrita Curativa” se dissolveu em uma força não só criativa como extremamente sensível e analítica à multiplicidade de odores.

O preparo para o segundo ritual é descobrir que serpente é você. Um balaio com pequenos papéis fechados nos é oferecido. Cada uma tirou um. Só podemos abrir em casa. É preciso conviver com esta serpente e conhecer um pouco do seu veneno. É preciso materializar a serpente e apresentar ao covil o texto em uma performance.

Saiu a jararaca.

Sua bocona faminta e venenosa me levou imediatamente à imagem de uma vagina dentata. Sem pausa para a aceitação ou rejeição; fui para incorporação.

Ritual 2

Nos apresentamos...

Fui pega por uma eletricidade. Como se as palavras não pudessem estar sem um corpo em movimento. Tinha sensualidade rasgada. Evocamos não só uma força mítica, mas espiritual, viva, contagiante. A Jararaca é gulosa, agressiva e seu veneno, uma fantástica medicina para pressão alta e doença de Parkinson. Dependendo da dosagem é cura.

A serpente mais velha não tinha idade. Mamba-negra com o pé quebrado rastejava pelo chão, tremendo, gemendo no bater da bota no chão – uma força da natureza. Aquela imagem me acompanhou por muitos meses.

O segundo ritual foi a nossa primeira incorporação como serpentes. O encontro das nossas forças faz pensar em lugares não classificáveis do existir. Perante o que se apresenta, não há gênero, não há idade, não há condição socioeconômica. O que se apresenta se aproxima de um instinto de sobrevivência com uma inteligência própria. Os sentidos estão orquestrados para decodificar todos os instantes. A visão limitada da serpente me conectou ao meu corpo ainda mais. Senti que dançava cada vez mais para dentro. As leituras sem a performance não serpenteariam, foi preciso língua, agilidade, ondulações. Achei que esta característica pudesse ficar apenas no primeiro texto, mas não.

Zelnys nos provoca:

A Serpente é, pois, acima de tudo, na simbólica valeriana, o ícone do pensar – uma atividade que ele tentou conduzir aos limites extremos: ‘Acostumar-se a pensar como a Serpente (pensar em Serpent) que se come com a cauda. “Eu ‘contenho’ o que me ‘contém’. Eu sou sucessivamente continente e conteúdo (CAMPOS, 1984, p. 11).

Kathryn Jackson, de 22 anos, mora na Inglaterra e sofre de uma condição chamada Synaesthesia [sinestesia gustatória-lexical]. Isso ocorre quando mais de um sentido da pessoa se mistura com outro, como, por exemplo, o olfato se misturar com a visão e o indivíduo se tornar capaz de sentir o cheiro das cores. No caso de Kathryn, ela sente gostos ao ouvir ou ver palavras.

CG: A linguagem é uma pele diz Roland Barthes ela goza de tocar a si mesma (Fragmentos de um discurso amoroso p 64).

Vemos um vídeo-performance de um artista comendo a si mesmo. Ele está nu, passa um produto na pele, um gel transparente. Esse gel seco é comestível. Ele se come do começo ao fim do seu corpo. Geruza nos convida a torcer a linguagem para devorá-la. Manducar, canibalizar, autofagizar: vamos nos comer, sentir o gosto do meu (des)gosto, fazer contorcionismos.

O ritual para a próxima semana pede que se escolha um lugar que você nunca alcançou com o corpo para materializar a torção. O movimento é dentro da escrita.

3º ritual

Não tive muito tempo de elaborar o texto, passei a semana com o vídeo da performance na cabeça me chupando e me contorcendo no banho. Decidi sair de casa quatro horas mais cedo, entrar em uma biblioteca de imagens e fazer uma imersão no corpo de Kazu Ono, investigar corpos *freaks*, além do meu. Minha coluna toda torta estava me mantendo de dor.

Não sei se era

Torce e retorce e os tendões quase artrites quase atrozes ameaçam impedir o pescoço de tombar. Torce e retorce e o ciático da semana contorcida em absorver esperas desesperos inibem o movimento. Torce e retorce e a coluna grita; C3 T5 e L7 em ressonância cantam o devir hérnias-heras erguidas ano a ano como mulher como homem como vinte e oito seres. Torce e retorce e o cóccixis lembra quando quebrado na escada carpete. Escapa da linha sinuosa, salta aos olhos, às mãos, quer sair da pele e unir-se à lombar da menarca mensal.

Torce e retorce e estou no chão. Viro para o lado esquerdo como a criança sozinha com medo cansada pede a mãe perde as mãos embaixo do queixo abismo com a garganta. A bunda é cabeça para quem olha pelas costas. A espinha é o corpo da serpente avessa aos chãos do existir. Ela sussurra mais além da sua sina e ondula. Queria ser ave, parece. Inclina. E as dores, ah, as dores. Encerram o balanço das veias salientes. Torce e retorce e a boca sorve a pela seca. Desliza pelos braços pedrinhas casquinhas espinhas sem creme. A língua sabe o momento do ciclo, a acidez das axilas, o suor coletivo das peles no metrô corrimão escadas portas. Torce e retorce e uma mama cai enquanto a outra repuxa os pontos da cicatriz invasão abuso. Da carne a menos não consigo esparramar a língua sem sentir o vão comer tristeza. Chupo embaixo do braço alcanço a ponta da tatuagem em grego — nome da filha. Não alcanço os bicos seio sede. Não é arrepio, nunca foi. Torce e retorce e volto a sentar. Passo a língua nos joelhos ossos grandes crânios pigmeus. Na descida da dobra um aperto soslaio doce-salgado engana ser vagina. Mordo ali porque hoje jorro. E porque não alcanço com a boca. O cheiro da carniça. Não estou para os abutres. Meu braço até o cotovelo estanca o fluxo. Apoio nos

joelhos corcunda. A sola dos pés de galinha gruda nos passos até o chuveiro. Ele demora a cair forte, mas o sangue não. O volume chega e a parte fora do jato são gotas impressionistas. Lambo os ombros salgados as axilas azedas. Começo a chupar o corpo que desliza para dentro. Torce e retorce e entra o ombro tórax braço direito. Torce e retorce entra o esquerdo. O coração bate meta-meta-meta espremido em seu esmerilhar. Falta os quadris as pernas. Torce e retorce e o quadril não entra. Tenho que digerir o alto ventre primeiro. A fonte nutrição cuidados carinho. Os que faltaram se fundem às sobras depois da maternidade. Faltou o prazer. Tudo muito rígido. Torce e retorce e já posso arrotar. Abro espaço com as águas quentes. Um gozo quebra a bacia. Se perde entre o que provocou o êxtase e o que machuca. O sangue amarga gosma plasmada em instante capturado. Os joelhos cabeças pigmeus estão tremendo. Ao passar pela goela dão vertigem e voltam para fora. Torce e retorce e me restam os últimos passos, a última dança. Preferi não carnavalizar. Ai. Não sei se era pulga. Não vejo mais os dedos. Torce e retorce procuro.

As torções não aparentam ter forma, não se fixam, são contínuas, incapturáveis. Há um cruzamento com as possibilidades do punctum. As sensações dos sentidos e das imagens deslocadas para outros espaços de percepção. Se existisse uma câmera, ela estaria na corrente sanguínea, carregada pelas moléculas. CG: Derrida em seu livro Gramatologia reforça que

A leitura deve sempre visa uma certa relação despercebida pelo escritor, entre o que ele comanda e o que ele não comanda, dos esquemas da língua de que faz uso, não é uma certa repartição quantitativa de sombra e luz, de fraqueza ou de força, mas de uma estrutura signifiante que a leitura crítica deve produzir (DERRIDA,1973, Gramatologia)

O exercício das aulas de clown “nada a fazer”, citado no capítulo anterior, retorna. Cada torção da coluna despertou uma força diferente. Se você ficar parado respirando tranquilamente e começar a ondular suavemente a sua coluna, em algum tempo vai ser invadido por distintas sensações, estados, sentimentos, tudo ao mesmo tempo. Como dar corpus a esta multiplicidade?

Não teve como evitar as alterações na escrita. A cinesia contiuia depois dos encontros. Não é garantia que os participantes abrirão estes portais em seus escritos como marca

autoral; a tentativa, no mínimo, fará a leitura não se contentar com estruturas impostas, padrões previsíveis.

O que segue a ideia de autofagia é imaginar o Monstro em nós. Geruza nos apresenta a palavra *mostrare* (tradução de “mostrar” ou “por indicar com o olhar”): etimologia “ensinar um determinado comportamento, prescrever a via a seguir” é também uma advertência: anúncio de algo por vir.

Neste ponto minha Medeia já sabia ser força de criação.

Somos convidadas a ficar no escuro de nossos quartos, a pensar nas formas que as serpentes têm de matar suas presas, constrição, bote. No fato sua mandíbula flexível assim como numerosas outras articulações permitirem abocanhar toda a sua presa, mesmo com um diâmetro muito maior que o dela. Elas não mastigam, engolem.

É preciso esperar a presa se apresentar, matá-la de alguma maneira e escrever sobre o acontecimento.

4º ritual

Ser o predador. O Monstro.

É exatamente como me sinto nesta dissertação ao engolir pensamentos alheios, as criações de Geruza, as pesquisas de tantos autores.

No texto lido na oficina comi uma girafa. CG: Girafas podem ter o sentido de conexão espiritual por seu pescoço alongado em direção ao céu.

O que abocanhamos? Quem são as nossas presas, como é o nosso ataque, quais são os nossos segredos as nossas armas? Minha serpente é devoradora, o tubarão branco das serpentes. Consegue abocanhar muito em um mesmo dia e continua faminta. Muitas vezes abocanha o que não quer por sua compulsividade. Engolir a girafa me mostrou um tamanho de boca que reflete meus interesses por conhecimento, por conexões. Quando apresentei o texto, senti que a escrita foi insignificante. A leitura de Geruza e das colegas me fez refletir sobre as imagens, sobre a boca, sobre qualidade da fome.

O exercício de comer a presa traz apropriação do pensamento crítico. Não inventamos os termos, as referências. Há muitas qualidades do saber. Ele se dá em vivências, encontros conscientes e inconscientes com as forças. Como comemos nos ensina a poder escolher conectados ao instinto, uma inteligência que se impõe. Eu como por fome, por necessidade, por prazer e gosto de devolver um pouco dessa digestão. Empresto também da vaca o regurgitar.

Nos toca agora encarar os nossos predadores. O que ser presa nos ensina, o que posso com este corpo em fuga?

Começamos o 5º ritual com a leitura dos nossos textos como presas.

Acordei em cima de um ninho capim – tão meu. Só que nunca. Não é típico estar em várzea inundada de estranhamentos. Algo se mexeu a minha direita. Lambi rastro fresco com frutas silvestres. Dava pra sentir o palpitar úmido entre as gazes dele. Fingi um desfile até atravessar a margem. Ele demorou pra se entender com as águas. Caguei e continuei.

Pelo cerrado sou outra. Os buracos também são tomados por outros gambás e tatus pagando caro. Prometi ao meu guizo ser a última volta quando identificada por sensor uivante. Ai que tédio. Vou ter que comer tatu. Roubei o buraco. O projeto da raposa ficou marcando o tempo. Na minha fuça.

— Se deu mal, comi uma girafa ontem.

Todo o tempo do mundo.

Respiração ofegante diminuindo a frequência. Da onde estou é mais dramático, é como os hipnotizados pelo crack antes de dar o bote na sua carteira. Espera, cretino. Espera que a resiliência mat... onde ele? Ai que vontade de saber se foi embora. Por nada, ter escolha de um buraco maior para hibernar... Senti físgada no rabo. Outro stalker local me tirando de sem teto. Vou chacoalhar essa coisa até virar despacho, até ele entender o usucapião. Desafortado! Girei a coisa fétida de navalhas em riste. Senti a ponta do rabo rasgar-se na boca do infeliz que voou longe. Aaaaaa como a liberdade é quente. Fiz a minha dança para recompor a pele, irrigar a dor. E veio a vertigem.

Não lembrava de estar na altura das nuvens realizando meu sonho de menina. Lambo de leve o que cortava meu pescoço e voilà: era ele — uma ela. O compêndio de penas prestes a encerrar o meu destino. Passava tão pequeno de cima. Tão perene. Marquei o predador no fundo dos olhos. Asas revelavam o foco de quem tem filhos pra criar. O assunto na última sílaba quando a curva

despencou os nossos corpos.

atravessando nuvem um

nuvem dois

nuvem três

não mais nuvens

cabeça para um lado

o resto para outro

o vento em golpes marciais

lembrei da gaivota

apontei a cabeça

como flecha para baixo

em direção ao nada

seria chão

os filhos que perdi

os que se perderam

os livros que não li

as risadas

os abraços

os amigos

os sem perdão

as culpas

os coitos

os abraços

os abraços

no bico dela só a casca de um metro e meio.

“Ser presa é ser aquilo que o outro incorpora. Ser a citação, a inspiração, o objeto de crítica, de estudo.

O outro pulsa em mim, é um processo de vivificação, a metáfora que traz a sua morte em si mesma.”

Faz pouco tempo que lancei meu livro. Poucas pessoas leram. O que espanta é a vivificação do seu corpo no outro. Ser presa é não ter o controle sobre como o outro te come; afoito, de uma vez, sem prestar atenção, em picadinhos, com mordidas e sucções diversas. Aguentar ser lido é aguentar ser engolido. A tendência em um primeiro momento, no meu caso, é a fuga. Quando algum predador fala do aspecto nutritivo, sinto um pequeno alívio ao completar um ciclo importante da realização, tão importante quanto as críticas negativas, amargas, os vômitos, os impactos ou a indiferença. Faz pensar em como ser mais saboroso, nutritivo em uma próxima vez ou como desejar apenas a interação. O veneno neste movimento rasga-se dentro do corpo devorado, em sua última defesa antes de se misturar com o resto de sangue das vísceras que ficaram de fora.

O 6º ritual é preparar o seu veneno como medicina.

EG e EP:

Ele traz risco do corpo porque também é veneno. Pode curar, alterar o estado de consciência, matar. É *phármakon* constituído de fala e escrita, tem a qualidade de suplemento, vem para preencher uma falta [constituente] = excesso.

Segundo Derrida (2005), *phármakon* é um termo ambíguo, de duplo sentido, podendo significar remédio ou veneno, benéfico ou maléfico. Tem transbordamento: perigo à razão.

Vamos produzir uma poção e enfeitiçá-la para oferecer ao covil. Ela vem pela manipulação pela boca, sem as palavras não tem efeito – precisa ser ativada por magia, feitiçaria.

Pensei em um destilado com algo de amargo e doce. Pensei em uma receita de bebida. Ninguém provou. Foi uma decepção. A pandemia havia começado e os encontros à

distância em um momento sensorial ficaram presos em telas. Tentei imaginar como seria no corpo-texto. É só misturar lichia, manjerição preto, pimenta rosa, saquê.

O gosto do meu veneno.

Não é pra gostar.

Não pulsa agradável

Palatável

É amargo

Arde

Doce no final

Adormece os membros superiores

Desperta os inferiores

Paralisa

Anestesia

Entorpece

Violento

Descabelado

Exacerbado

Fora de contexto

Remexe

Pra morrer

Com um sorriso

De mandíbula tensa

Intensa

A tez

A gosma

O miasma

O bromo

Te asfixia

A poção

Letífera

Vicia

Peçonhenta

Mefítica
Tóxica
Destrói
Lidite
Carcoma
Genoma
Anarquista
Devoradora
Nociva
Gangrena
Eterna
Mata
Mata
Mata
Mata
Identidade
Sentido
Flagelo
Exício
Perverso
Verso
Transviado
Corrompe
Quem sabe
Poema.
Quem sabe.
A beleza
Do vento
Varrer
O resíduo
Da casca
Não mais.
Ameaça
Não mais

Corpo
Atravessado
Não mais
Dor.
Espaço
Silêncio
Agridoce
Cura?

A escrita falada é *phármakon* poderoso. Medicina para a alma. Dependendo da dosagem é veneno.

O 7º ritual consiste em escrever a partir da percepção de três pessoas de como sua serpente dança.

Me disseram que eu perco o chão, incorporo entidades, sou visceral. Transpor em palavras a singularidade dos movimentos que são espontâneos em seu corpo parece simples, mas você os percebe diferente da outra pessoa. Quando o outro tem autoridade para falar sobre os movimentos do seu corpo, é preciso segurar o ímpeto reativo. É muito importante ouvir a alteridade do corpo do outro em relação à sua.

Uraeus

A que se ergue
Gira.
Faz da intensidade suas marcas
No chão
Dos corações
Inquietos.
Aflitos.
Pira
Pelo prazer
Do acasalamento.
Consigo

Seduz

Se perde

Se funde

Aos anseios

Alheios.

Flui

Crescente

Instável

Torpe

Insone.

No ritmo

Desordenado

Conduz

O surto

Dos passos

Dentro das pernas que não

Das veias

Teias

Resiliência

Paz sem

Ciência

Convulsiona.

Vibra

Mata

De agonia

Se contorce

Pus

Jorra seu veneno
Expele
O dreno
Dos dias
Em seu rebolado
Africano
Incorporado.
Desencontro
Dos eixos
Do seu rabo
Que arrebita
Quer amor?
Arde
Grita

Reluz

Música
Ao ventre
Ao dente
Afiado
Enrola
A língua
Bifurcada
Atarantada
Entre a vida
E a sorte
Da cintura
Pra cima
Da cintura
Pro norte
Desse jeito de lado
Que se estica
Pra dar o bote

Andaluz.

Os movimentos que o corpo é capaz de fazer a escrita também é. Ela pode torcer, contorcer-se, alongar-se, ser sinuosa, dinâmica, súbita, lenta, flexível, rígida. Saber ouvir a sua dança no outro é entender como você se comunica, se faz presença.

O 8º ritual é um Potlach, a troca de peles, de dádivas. Geruza nos fala um pouco sobre esse ritual em alguns agenciamentos indígenas específicos, nos quais o dar ao outro um presente compreende um deslocamento, um desapego entre os pertences materiais e imateriais. Minha inaptidão para os trabalhos manuais é limitante. Fico dando voltas, imaginando as possibilidades e nada aparece. No final pensei em algo que tivesse passado pelo meu corpo de alguma maneira.

Recebi um diário de serpente incrível desenhado a mão. Dei a saia que usei na minha apresentação de Jararaca. Queria ter colocado minhas mãos em costura, ter lambido, ter mordido, ter amassado, ter feito textura com a saliva. Entreguei a memória da dança dentro da saia. Junto com o presente, entregamos um texto-pele:

A pele que lhe deixo

Desejou justiça

Autonomia

Se perdeu

Em terrenos

Vadios

Errantes

Entre desamores

Odores

Culturas

Muros

Oriente

Montanhas

Acidentes.

Queimou-se.

Enlouqueceu.

Perdeu-se de trilhos
Mortos
Na vontade
De um mundo que ainda
Sonha
Apesar de.
Leve na pista
Na aposta do corpo
Trêmulo
De fúria
Bacante
Acertou
No desespero
Desvontades
Desapegos
Desapreços
Pariu
Forte
Outra vida
Dentro e fora
De si
Gozou
Provou do seu
Veneno
Pleno
De
Incertezas
Inverdades
Reveladas
Em outras
Estradas
Camadas de
Consciência
Inconsciente.

O presente
O único
tempo de fato
em ato.
Lhe deixo
Essa pele que
Sorveu o leite
Das árvores
Cachoeiras
Mundiou
Submersa
No oceano
Afluentes
Planktons
Areias
Peixes
Crustáceos
Baleias
Risadas
Indecentes
Frouxas
Ausentes
Lhe deixo
Os elos
Cortados
Iniciados
No campo da
Magia
Poliformes
Encantos
Para os pequenos dias
Fica com ela
E honra a sua história
Na memória

Das escamas
Em chamas.
Sim é pra incendiar

Libertar-nos
De Nós
E todas as vontades
Que encontrarão
Outros andares
Lugares
Bifurcados
De verdade
E sorte
É morte
Vivida
E minha despedida
Do que não mais
Me vence.

Fica com minhas cinzas
Essa pele
Te pertence.

Escrever sobre a Poética da Serpente é como chegar a um médium do centro de Umbanda e pedir: descreva em palavras o que acontece com você durante a incorporação. Parte de você está ali consciente dos elementos, interagindo com as percepções que se acumulam nos sentidos. Mas parte também está inconsciente, assimilando um pouco a cada dia. Os encontros acontecem entre os odores inconscientes do coletivo. O que consigo compartilhar como participante é que a força da serpente nos anima a estarmos mais atentas à nossa autoria, tanto no nosso corpo como no corpo do outro. Não apenas pelo viés crítico da racionalidade, mas por uma percepção da pele, das múltiplas informações pela língua, pelo efeito do movimento no corpo-corpus.

O bicho nos anima a existir reconhecendo a nossa capacidade vibratória. A autoria da serpente é a sua singularidade para criar e recriar, a todo instante, estratégias de movimentos, afetados pelo seu ecossistema. O seu fluxo e equilíbrio dependem totalmente de como consegue garantir sua nutrição, sua relação com os predadores, com suas presas. Essa relação nos responsabiliza por fazer escolhas conectadas com nosso campo originário, nossa pulsão, nossa potência, não só para a nossa condição de vivente, mas para a vida de todo o ecossistema, em uma “ecosofia” em constante reorganização. Faz pensar que as forças nos atravessam, muito mais que nos pertencem. A autoria não nos pertence, nos atravessa. Por isso se fazem urgentes mediações de escrita para que essas forças possam ativar outros corpos, incorporar, dar passagem em direção à possibilidade de equilíbrio, “autopoiese”, como uma organização maior que produz e trabalha pela vida.

Curiosidade sobre phármakons...

Situada na Inglaterra, a primeira farmácia da poesia do mundo atende pacientes que procuram ajuda para diminuir estresse e a tensão da vida moderna:



[\(Emergency Poet & Poetry Pharmacy / Facebook\)](#)

A Farmácia da Poesia localiza-se na cidade de Shropshire, na Inglaterra, onde a poeta Deborah Alma prescreve poemas ao invés de medicamentos aos seus pacientes. Os livros são divididos de acordo com o “humor”, porque acredita-se que a poesia pode ajudar no tratamento de doenças emocionais.

Após comprar uma ambulância que estava à venda, Alma passou a viajar pelo país para distribuir versos aos que mais precisavam, e desde então ficou conhecida como a “poeta da emergência”. Além de gerir a farmácia, Deborah é também responsável por oficinas de poesia e por consultas poéticas, nas quais convida os pacientes para uma sala e prescreve cuidadosamente o poema mediante as condições de cada pessoa.

CAPÍTULO 2: O contra plano da ouvinte:

Revisitar as oficinas é um terreno buliçoso. Temo reduzir as arestas e bordas das vivências. Temo lançar um olhar condicionado demais a encaixotamentos, classificações, análises. A sorte ou o azar da minha formação vira-lata é que falar de tudo um pouco permite uma identificação flutuante com distintos modos de abordá-la – uma responsabilidade ética em relação à vida, o que também implica em processos de desidentificação com muitos outros modos.

Este capítulo é o começo de um pensamento que vai orientar um cuidado na criação de oficinas de escrita dos corpos atravessados pelas feridas abertas. O que me fez migrar para o núcleo de estudos da Subjetividade em Psicologia Clínica e não continuar na literatura é o desejo do que Guatari (Psicanálise e Transversalidade: Ensaio da Análise Institucional 2004) chamou de “autonomização dos grupos”: a emergência de outra semiotização da existência, outra linguagem para escapar das referências dos “lugares de poder”.

Observei de forma remota uma oficina de Escrita Curativa por um trimestre e depois mais um trimestre da Poética da Serpente. Juntando com meus dois trimestres como participante de ambas, são seis meses em cada. As oficinas tiveram em média sete participantes. As práticas dos exercícios reuniram algumas questões sobre os limites entre o terapêutico e a criação artística. Geruza desenvolve estas oficinas há quase uma década e com certeza existem outros aspectos esta pesquisa, por ora não considera.

Assumindo a Jararaca, posso dizer que, mesmo como participante, já estava atenta ao lugar da mediação; parte da língua bífida lambeu os exercícios enquanto a outra avaliou as suas condições. A diferença entre uma percepção e afecção foi encarar os desafios e sombras pessoais no tempo das entregas. Estas oficinas têm uma duração além de seu tempo estabelecido. Como estamos falando de corpos marcados, viver é um exercício em elaboração constante. Os saltos de percepção sobre como se escreve e o que surge dos corpos nos cursos de Escrita Curativa e da Serpente são ainda muito vívidos e provocativos depois de um ano e meio. Assistir às aulas em modo quase invisível não foi repetir a experiência; o que se vivencia no grupo se atualiza o tempo todo entre a memória subjetiva e os corpos-arquivos. Os coletivos são um meio para potencializar os

processos de singularização. O que uma participante atravessa afeta diretamente a todas. Uma oficina nunca será igual a outra.

Observei algumas peculiaridades de superfície; a maioria das inscritas são predominantemente mulheres. Não é uma questão se o gênero mulher se ocupa mais que outros de processos criativos, uma vez que a categoria gênero não nos serve sem imposições totalitárias. Mas é fato que, em meus três anos de andanças, vejo nas salas de escrita criativa uma proporção muito maior de femininos. Quando a palavra curativa aparece, a proporção aumenta. Quero deixar claro que não é um juízo de valor.

Leio no campo macropolítico que os dizeres feministas estão em plena ebulição em resposta ao machismo estrutural, ao efeito paranoico das redes sociais, como crítica libertária realizada por diferentes grupos cada vez mais numerosos. O que se busca nessas oficinas mistura-se à busca de um contorno terapêutico, autoconhecimento, encontro de uma autoria e uma autovalidação, de um espaço clínico para ouvir e dizer. Um dizer me parece, dentro de uma urgência cada vez mais apocalíptica.

Quem se atrai pela palavra cura carrega uma dor importante. A cura nas oficinas revela a vontade de encarar a dor de frente, mesmo que não seja um movimento consciente de partida. Apresentam-se vulnerabilidades, estigmas, bloqueios. Alguns perfis comportamentais se repetem: os atrasados, os que não entregam os textos no tempo, os que desistem no meio. As justificativas são todas plausíveis, ainda mais em tempos de pandemia. Posso dizer pelo meu corpo que, mesmo com o desejo pulsante de escrever, houve momentos de entaves, má compreensão, procrastinação. Perseverar do começo ao fim não é regra, tampouco um problema: os tempos são diferentes para cada corpo. Os que não conseguiram engatar nas propostas em um primeiro momento podem concluir os ciclos em outro tempo, e o processo não será menos potente.

Acompanhei uma participante que trabalhava com a escrita – contadora de histórias infantis. Vou chamá-la de Cora. Os atrasos abriam espaços cada vez maiores até o ponto de se tornar a falta completa. No segundo encontro, o texto de Cora veio às pressas. Intuo que o gatilho para os atrasos se deu aí. Para além de um hábito ou autossabotagem, no segundo exercício da Escrita Curativa, ao observarmos uma forma específica de um alimento e escrevermos a partir dela, a recepção crítica do grupo não

foi muito bem recebida por Cora. Ela queria o reconhecimento pela qualidade do jogo com as palavras, o que foi de fato admirado e comentado, porém não houve, de sua parte, a chance de observar o alimento. Cora tirou da cartola seu velho truque de seduzir os ouvintes.

Curioso é que a forma escolhida tinha como tema a sexualidade e seu inconsciente captou no ato. O que seu consciente não conseguiu permitir foi um tempo para a sua escrita emergir do ruído entre suas atenções. Entender que a avaliação não se dá em torno do gozo do reconhecimento, mas do gesto em direção ao corpo para ativar o corpus, me pareceu o grande desafio das oficinas, principalmente nos primeiros encontros. É, também, o desafio desta pesquisa.

Outra coisa que chama a atenção na entrega dos textos é a necessidade de validação. Mesmo que as condições para escrever sejam favoráveis, os obstáculos internos para uma mulher são enormes. Como diz Virgínia Woolf, são muitos os fantasmas a combater:

E então bateu em alguma coisa. Foi uma pancada muito forte. Espumarada, tumulto. A imaginação tinha colidido numa coisa dura. A moça foi despertada do sonho e de fato ficou na mais viva angústia e aflição. Falando sem metáforas, ela pensou numa coisa, uma coisa sobre o corpo, sobre as paixões, que para ela, como mulher, era impróprio dizer. E a razão lhe diria que os homens ficariam chocados. Foi a consciência do que os homens diriam sobre uma mulher que fala de suas paixões que a despertou do estado de inconsciência como artista. Não podia mais escrever. O transe tinha acabado. (WOOLF, ano, p.6).

Na primeira leitura, tem o querer acertar, o querer realizar com desenvoltura. Depois tem o querer acertar o que Geruza nos pede. A validação é uma captura significativa. Ela se dá em diferentes gradientes de poder; coeficientes acadêmicos, econômicos, de gênero, de raça, de gordura, sim, de gordura, de velhice, de magreza. Reparei em desejos por escrever tratados, políticas afirmativas. Outra participante desejava escrever discursos afirmativos sobre ser gorda. O que se desviava desta necessidade encontrava um limbo desconfortável. A abertura para descondicionar, deslocar, só é possível se os participantes se permitirem a experimentação. Não significa que não possam voltar aos seus engajamentos políticos literários com toda a sua força, mas, durante as oficinas, o

convite é para desarmar-se das zonas de conforto, das zonas de defesa, muitas vezes armadas para o ataque.

A socióloga em mim questionou-se profundamente se não seria mais interessante permitir os discursos e deixar que os diferentes exercícios das colegas trouxessem autopercepção. Isto vai ocorrendo naturalmente até o final das oficinas. Observei Geruza validar os textos sempre, apontando onde não conseguimos realizar a proposta. Na minha experiência, os apontamentos de Geruza desafiavam a querer entrar mais nas vivências. Para muitas pessoas, eles chegaram como grandes impasses – em alguns casos, em impasses inegociáveis.

Uma participante, poeta premiada e crítica literária, tinha uma produção de perder o ar. Estávamos nos primeiros exercícios da Poética da Serpente. Vou chamá-la de Sereia. Cada texto trazido por ela era (en)canto para as profundezas. Nas suas marcas corporais havia a experiência de uma dor importante, uma dor suicida. Soubemos por Sereia sobre sua tentativa de tirar a vida. Em um dos encontros, quando apresentou um belo poema, altamente blindado por sua excelência métrica e sintática, Geruza mostrou no texto como a proposta não foi realizada. Sereia recebeu mal, dominou uma hora de fala vitimizando-se e deixando um discurso pronto para uma tentativa suicida.

Como Geruza a conhecia muito bem, sabia da necessidade de atuação e também da possibilidade de transbordamento. Habilmente, ela retornou apenas ao texto e mostrou como a proposta de torção daquele corpus não se conectou ao corpo, mas a uma virtude estética. Poderia parecer uma atitude autoritária, mas foi incisiva, precisa. Passamos para a proposta seguinte com um frio na barriga. É importante dizer que nestas oficinas há uma abertura para que as participantes se comuniquem com a mediadora em particular. Depois de muita conversa e mergulhos de Sereia em sua dor, ela retornou mais livre de suas capturas, arriscando alteridades em seu corpo-corpus.

Sereia não fez o curso de Escrita Curativa. Geruza nos assegura não ser necessário fazer um para entrar no outro, ainda mais em se tratando de uma participante que vem de estudos literários. A minha intuição diz que, se Sereia tivesse passado pelo punctum, poderia ter outra resposta ao exercício. O punctum é um dispositivo rápido para alterar a perspectiva, muda o lugar da sua câmera na cena traumática. Te liberta de ver a cena pelo mesmo ângulo, em alguns casos ângulos-gatilho. Apesar da proposta da Poética da

Serpente ser a violência crítica, um corpo que se apropria de suas feridas como matéria criativa não precisa se defender, principalmente, ao atacar a si mesmo.

Muitos psicólogos e psicanalistas participam das oficinas. Os vícios de linguagem vão aparecendo aqui e ali. No caso dessas profissões, no uso da mitologia, estruturas analíticas do inconsciente, discursos filosóficos. Desterritorializar, desestratificar, descondicionar são movimentos que desafiam lugares seguros de pertencimento. São também efeitos das pesquisas de Derrida com a linguagem e da filosofia da diferença em Guattari. Zelnys faz questão de não explicar tudo. Ela nos provoca com algumas referências e nos entrega à criação. Nas leituras, a linguagem traz uma avaliação em si. Estar colado a certas referências nos revela onde podemos fazer novas escolhas. As oficinas abrem linhas feiticeiras, sugerem pequenos rituais de observação ao criar um espaço entre o que conhecemos sobre nós mesmos e o que vem; nos convida ao momento inesperado do descarrilhar do trem, arrebentar das ondas, do bote da serpente, onde o impulso de escrever sai do lugar passivo/contemplativo de estudo para a ação. Esta é a musculatura, a engrenagem do desejo-átimo na produção dos corpos-texto. Quando se trata de escrever desde lugares traumáticos, o começo pode ser um pouco mais lento ou confuso.

A apresentação dos biografemas na Escrita Curativa é a primeira ferramenta para reconhecer no corpo como as palavras que se repetem nos afetam. A consciência delas e de suas ressonâncias faz de cada participante um mediador – olhos-raio-x-detetive sobre o que nos contam as vozes por trás de cada construção. Nesta dissertação, por exemplo, quando clico a quantidade de vezes que usei as palavras conexão, cura, corpo, trauma... Apesar da vontade de reescrevê-la e de cortar tudo, tenho consciência (outra dessas palavras) de que elas movem a essência do que meu corpo quer expressar. Quando a participante tenta interpretar ou justificar o biografema, é devolvido pela mediação a procurar no texto e não na psique como ele está sendo usado. A psique isolada não está em decifração. O que está em jogo, nas propostas de Geruza, tem foco na relação voz-corpo-texto. De fato, há uma cisão entre corpo e mente (espírito nas culturas originárias) pelo efeito do trauma, mas é na ficção criada sobre o que escorre, nas palavras encarnadas pelos corpos, que as avaliações acontecem. Para algumas pessoas, já é o primeiro ponto de resistência/desistência. A identificação com as ficções é, talvez, o primeiro espaço a ser esvaziado. Singularização não é identificação. A identificação se

cola a um universo de significantes aprisionadores, não se trata apenas da construção do ego, mas de um ego subordinado a um sistema normativo pasteurizador. O processo de singularização conta com a alteridade que se apresenta a cada momento, tem trânsito livre pelas formas, faz escolhas a todo tempo.

No segundo texto da Escrita Curativa (aquele de Cora e as observações sobre um formato de alimento), as ficções pessoais começam a emergir. Quando se colam em verdades encapsuladas, ou em vitimizações, é devolvido ao participante a borda: trata-se de uma ficção criada. Se existe algo a ser investigado, o caminho será dado pela composição do corpo-corpus e não pelo sentimento ou catarse que podem surgir depois dela.

Voltando para a validação um pouco mais, uma das participantes, Bernardi, vinha de uma tragédia familiar aguda. Ela encontrou na escrita um escape-respiro. Como o evento estava em plena digestão por seu corpo, qualquer percepção de rejeição ou abandono ativa no corpo de Bernardi dispara um alarme existencial. Bernardi tem um repertório expansivo, é sagaz em sua escrita, coloca em seu caldeirão a biologia e a literatura em ensaios potentes. Toda essa inteligência e sensibilidade se encontravam também aprisionadas pelo insuportável da dor: nas apresentações dos textos surgia uma carência por aceitação. Os textos eram pontiagudos e permitiam as experimentações. Uma vez ou outra bateram na trave das propostas e, quando o fizeram, o mundo de Bernardi se encobria em uma nuvem negra. Ela chegou a me ligar como ouvinte para saber minha opinião sobre os textos quase gols. Fiquei assustada. Em meu experimento de ouvinte, o vidro da quarta parede se rompeu; o ator/objeto de pesquisa invadiu a plateia e me vi em uma encruzilhada.

Pedi permissão a Geruza para responder a Bernardi. Foi assim que soube um pouco mais das circunstâncias da sua dor. Ela pediu minha opinião sobre seu texto de serpente em um primeiro momento, depois me perguntou como sua serpente dançava. Respondi o que veio à cabeça depois das observações e deixei bem claro que não era uma opinião do meu corpo ainda. Fui atravessada por minhas limitações em atividade remota, também dividida pelos cuidados com a vida doméstica e necessidades pessoais. A experiência de poder acompanhar os grupos ao vivo, como ocorreu com a Escrita Curativa, altera os lugares de interação. Dentro do grupo ao vivo, uma participante não

pediria a opinião da ouvinte, a não ser que Geruza perguntasse. No ambiente virtual, esses trânsitos são mais intensos. Bernardi tornou-se seguidora de Geruza, fez todos os seus cursos, como eu. Será que a relação transferência e contratransferência entre terapeuta e terapeuta se faz necessária em uma oficina de escrita? Quais os limites terapêuticos para este contorno? Como incorporar afetos em sua autonomia?

Reconheço que me agarrei a Geruza como Bernardi, ao núcleo de estudos da Subjetividade, ao grupo de estudos de Guattari. Não quero evitar minhas tragédias pessoais, pois elas seguem seu rumo inexorável. Vejo, nestes encontros, uma possibilidade de apropriação das marcas para outros possíveis. O fenômeno de seguidor-fiel, ou uma forma de transferência quando a oficina de escrita assume seu caráter terapêutico, é um cuidado importante que o mediador tem que levar em conta.

A transversalidade nestas relações acontece quando conseguimos refinar as escutas. A qualidade de presença é essencial para que estas marcas expostas possam ganhar tempo de ressonância e vibração nos corpos. As projeções, transferências e contratransferências são inevitáveis, principalmente quando o isolamento social marca um tempo de socialização. O tempo do trabalho e dos desejos de consumo alienam a conexão entre espírito e corpo, entre mente e corpo social. Retiram a possibilidade de espelhamento, diferenciação.

Grada Kilomba em seu livro *Memória da plantação* cita um poema logo no início:

Por que escrevo?
Porque eu tenho de
Porque minha voz
Em todos os seus dialetos,
Tem sido calada por muito tempo
(Jacob Sam-La Rose).

Segundo a autora, a ideia que se *tem* de escrever, quase como uma obrigação moral, incorpora a crença de que a história pode “ser interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária”(hooks, 1990,p.152).

Em outro trecho afirma Kilomba:

Não sou o *objeto*, mas o *sujeito*. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato de *tornar-se* e, enquanto escrevo, eu me torno narradora e escritora da minha própria realidade, autora e autoridade da minha própria história. Nesse sentido, eu me torno oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou (Memórias das Plantações, 2019, p 21).

Os grupos tornam-se sujeitos quando fazem da escuta de suas marcas, de seus atravessamentos, de suas narrativas.

A dimensão destas oficinas vai muito além de um encontro com a voz literária. É um encontro com a possibilidade de fazer justiça.

O que tiver
que ser dito, diga

Senão vai ter
que escutar
o que não disse
Pelo resto da sua vida.

A palavra que não foi,
atormenta quando fica.
Sergio Vaz

CAPÍTULO 3: A escrita do luto

3.1 O acontecimento

Desculpem, mas caiu em meu colo um acontecimento (DERRIDA, 1983).

Enquanto me preparava para iniciar uma oficina com mulheres vítimas de violência doméstica, a vida do meu pai exigiu cuidados.

Parei a escrita deste trabalho e acompanhei os últimos meses de vida dele em sua luta para existir além das metástases do câncer de pulmão que avançou para os ossos, linfonodos, fígado e, por último, cérebro.

Foram dias no limite do impossível, a mente do meu pai iniciou um processo de delírios, paranoias e surtos psicóticos que se misturavam aos seus últimos desejos, entre eles de beber seu whisky e acertar as responsabilidades financeiras no processo sucessório. A gincana entre advogados, bancos, gerentes, farmácias, médicos ocupava um tempo de despedida, de uma possível ternura ou de uma ampliação de consciência para uma idealizada consideração final.

Minha mãe não saiu do lado do meu pai. Esteve assim nos últimos cinquenta anos e a cada dia assistiu o despencar de sua memória entre sustos e engasgos que lhe condenaram o esôfago. Dopada de remédios psiquiátricos desde um surto importante há trinta anos, sua identidade de transtorno bipolar depressiva seguia os comandos do meu pai, que, agora delirantes, exigiam além do suportável.

Ouvi muitos discursos sobre como conduzir o caos. Primeiro de uma geriatra, que poderia cuidar da minha mãe, estrela dos cuidados paliativos que ganha tanto quanto a Monja Cohen para dar palestras sobre a morte. Ela dizia que não era saudável atender aos pedidos do meu pai, pois, ao servir a sua bebida, estávamos sendo parte da doença e não da cura. Sou a segunda filha de quatro irmãos. Ouvi e ouvi tantas coisas por fazer e juro que tentamos fazê-las todas. O saldo foi uma cratera gigantesca de faltas não ocupadas pela simplicidade da presença. Tentei, dentro do que a medicina e a

psiquiatria entendem como cuidados, ser apoio, afeto. Fora o meu irmão mais velho que preferiu se ocupar das finanças, me vi sozinha nesse maremoto de decisões para um fim de vida que parecia já ter nos matado. A geriatra paliativa disse que eu segurava mais as pontas porque era mãe solo. Alguém em um contexto familiar mais "estruturado" não teria disponibilidade. Será?

Os preâmbulos para a partida do meu pai pareciam ser o grande acontecimento até que me deparei com um sonho...

O sonho com a morte da minha mãe.

Nele, estava com meu pai atravessando um conjunto de rochas entre penhascos, próximo de um mar revolto. As casas se apoiavam em palafitas altas erguidas sob vigas finas improváveis de sustentar o próprio peso. O céu rasgava um contraste apocalíptico, um começo de tempestade onde dia e noite se misturavam tétricos cambaleantes. Encontrei minha mãe morta entre as rochas, muito pálida e meu pai se encerrou em uma expressão congelada de surpresa e horror. Tentei procurar meus irmãos, achei minha irmã mais nova que é a mais próxima da minha mãe. Eu tinha uma certa autoridade, dizia a ela o quanto não nos preparamos para a questão mais grave. Nosso pai planejou sua morte, como e quando. Tentou beber o quanto pôde durante o tratamento do câncer, até que seu corpo sofreu uma paralisia parcial pelas metástases e as internações hospitalares se tornaram recorrentes centros de reabilitação para os vícios. A nossa mãe, sem preparo para morrer, sem voz, sem tempo para cuidar de si, era a expressão da mais pura ausência diante dos nossos olhos.

Desde esse sonho, a dissertação invocou um desejo de fazer justiça aos lugares arrasados da mulher. Abracei minha mãe e toda a violência que sofremos juntas e entre nós. Sofremos como duas viúvas e não como mãe e filha. Não era sobre perder meu pai. Era sobre perder-se nas dinâmicas com ele.

Enterramos meu pai e, com ele, as possibilidades cognitivas da minha mãe. A travessia do abismo depois da morte permitiu o entendimento da conexão ética que intuí necessária para a mediação de oficinas. O foco é no que atravessa. Desse efeito, a força ausente se reapresenta. Uma potência de agir e de se transfigurar (ROLNIK, 2022).

Retorna-se à cena da ausência e, a partir dela, a ocupamos para recriá-la. Especulação fabulativa, criação, afeto, erotizar. Queria ter trabalhado com outras mulheres e sinto que a vida reservou essa experiência mais adiante. Três dias antes de apresentar o trabalho na orientação coletiva, liguei desesperada para a Geruza. "Não produzi mais nada, estou tentando assimilar o incorpóreo dos afetos". Ela sugeriu cinco páginas para o acontecimento e depois deixar sangrar desde o luto. Apesar de ser recente e em curso, não vi outra alternativa.

Tem uma imagem interessante para o que está se movimentando entre corpo e corpus. Em uma outra existência, ainda nesta vida, fui mergulhadora. Minha mãe deu de presente aos seus quatro filhos um curso de mergulho. Um dia, fui à Laje de Santos fazer um mergulho com meu irmão mais novo. O dia era límpido, o mar calmo, cristalino. Chegamos em quase duas horas de navegação desde as margens e nos equipamos para a submersão. Éramos três: eu, meu irmão e o instrutor. Era possível avistar e ouvir a vida marinha de longe, a visibilidade confundia céu e chão. A sensação de voar dissolvia-se na beleza de um imenso azul entre raios de sol invadindo os corais, as pedras, talvez, o mais próximo de uma dimensão elevada, divina. Avistamos um ponto preto se movendo em nossa direção. Quando ele se aproximou, pudemos reconhecer uma arraia jamanta gigante. Ela veio como se quisesse nos mostrar algo, nos levar pra passear. Ficamos por cima dela acariciando sua pele, muito semelhante à textura da pele da vaca. Fomos até um ponto bem distante e voltamos. Quando chegamos à superfície, o vento sudoeste – um dos mais temidos nas navegações – transtornou o cenário idílico; quase não conseguimos subir de volta ao barco. Nos amarramos com cordas e o deslizamento do barco tornou-se violento – as ondas altas arrebatavam a sensação de batidas no concreto. Voltamos nesse maremoto até o continente enquanto meu irmão vomitava sem parar. Tive a certeza de que o barco seria rachado ao meio.

A superfície da dor do luto se alterna entre calmarias e maremotos. Consigo fazer alguns mergulhos, por vezes, involuntários. À cada descida, sou surpreendida por um aspecto diverso.

O luto é meu “ebó”, a oferenda do meu corpo de experiências para alcançar a garganta. O ninho de palavras-alma na cultura Guarani. A superfície é turbulenta, em certa profundidade se acalma.

O material que vou compartilhar com vocês quer se aproximar de um ensaio clínico-político, partindo dessa cratera que se abriu na minha experiência e que poderia se tornar, apenas, mais um, silenciamento.

3.2 O luto

Escrevo.

Porque você não é eterno, mas cíclico. Porque o amor perdura além das facadas. Porque te ver indo pra outra dimensão me obriga a expandir a minha. Porque só queria chorar e ficar dentro da concha. Porque pode ser uma alavanca de Arquimedes.

Escrevo pra perpetuar a presença de um corpus. Nem ousar dizer que é a lembrança porque em mim já era ficção... científica. Antropofagia. O seu encantamento traz avalanches de sensações e ideias que um dia gostaria de organizar. O inconsciente está agitado, exerce outro jogo com os sonhos, com a intuição. Sonho acordada. Se precisar de uma informação ela aparece em uma palavra falada na minha cabeça ou na de alguém perto, ou em uma imagem. Os pássaros e as árvores falam comigo, tenho outras conversas com meu gato.

Preciso ocupar os espaços em que estive ausente. A escrita obriga retornar às cenas editadas pela dor – linha divisória entre trauma e acontecimento. O acontecimento imprevisível provoca reação imediata no corpo. Quando a intensidade se faz dor, a consciência deste corpo se aliena.

Não quero mais ser o que se blindou tentando chegar aos sons, rimas, métricas, nos efeitos. Escrevo pra me perder em qualquer fluxo. Preciso escorrer, talvez hemorragia.

O desvio de rima foi o começo do seu fim. Tirou o movimento da mão esquerda, depois do braço, da perna e do rosto do mesmo lado. A dança dos tumores crescia modificando todas as terminações nervosas. Você passou a se arrastar, a cair do sofá. Eu queria mesmo é ter te colocado no colo e cantado uma canção de ninar.

O corpo

O corpo morto é um corte seco.

As partículas do afeto deslizam por um tempo imaterial e a mente não tem como responder cartesianamente. Um vão se abre diante da dor. Um grito do estômago, do fígado, preenche o ar na sala. Toco a pele presa ainda por aparelhos, a saturação do oxigênio, o cateter de PICC vazio. Os batimentos cardíacos são, agora, um traço.

Pausa para chorar.

Toco sua pele perfurada por agulhas, por ondas de radioterapia, pela dor que a morfina e a sedação conforto não conseguiram evitar. É fria. Abraço a sua tatuagem caveira veneno, suas pintas. Procuro o seu cheiro e encontro o começo da putrefação em um fundo do cheirinho creme com cânfora. Tenho a impressão de que esse grupo de células cancerígenas continua comendo algo, se espalhando pelo quarto. Como é gélido e duro te tocar, pai. Cadê o trem passando em cima da televisão? A seringa grande para levarmos para casa e colocar o tempero do pernil? O gato caindo do teto? As baratas saindo do sensor de fumaça? A palavra-chave corticoide, a receita da torta de miúdos? Dois nasonex e dois spirivas na gaveta. Eu anotei pai, anotei tudo. Sua boca está aberta.

Não fecha mais.

Não deu tempo. Estava no elevador, no terceiro andar e você no décimo. Eu queria dizer vai, pai, eu te amo, a gente se encontra daqui a pouco. Queria dizer tanta coisa. É tanto psiquiatrês, psicologês assumindo o espaço do acontecimento. Ninguém teve a coragem de dizer a real sobre a sua condição. Avisaram em termos generalizados que poderia ocorrer isso e blá blá blá se aquilo blá blá blá abrindo sala para o psiquiatra paliativo te invadir na sua última noite de vida e falar sobre a sua volta a casa – você acredita? Não

entendi a sua partida naquele momento daquela forma. Eram discursos-espacos para mais servicos, mais faturas, boletos taxas, cobranças. Não se morre com dignidade, nem em hospital de rico.

Te operaram a um mês da sua partida só para você mexer um pouco seu braço galinha morta. Fiquei com a impressão de que o seu desejo era o movimento de colocar gelo no copo. E você mexeu. Andou, pai. Andou alguns segundos em um aparelho jamais oferecido a um hospital público. Você queria evacuar no banheiro e tomar banho sem a sorte de três ajudantes. Tiraram um tumor do seu cérebro enquanto centenas deles já tinham te condenado. Você nunca mais colocou o gelo.

Não sabia que seria a sua última noite. Fui te visitar com a sua neta. Ela deitou-se na cama com você. Você a cobriu (como sempre quando queria ficar agarradinho) enquanto passava na tela da tevê um trecho de uma animação. Eu disse um tchau qualquer, um tchau a repetir-se de novo. Você levantou a cabeça, fez questão de me beijar. Fez bico.

Dignidade é algo que quem sabe um texto atravessando o tempo possa.

A mãe acordou com os meus gritos. Eu avisei os médicos que ela estava começando a ter os sintomas de Alzheimer e, porque eu disse isso, não a acordaram para se despedir do seu companheiro, amor, algoz, carma, sina, co-dependência por uma vida inteira.

Ela chorou duas vezes, duas perdas, três até.

A médica paliativa, nem quero falar dela – uma hora eu vou – saiu do quarto e desapareceu.

O gato subiu no telhado

Em dias agonizantes

Interna.

Na alta

alto

o etilista
esparrama pelo chão.
Chegava a tempo de poucas palavras
Enquanto a tevê ocupava a visita.
Trazia os seus remédios
Os da mãe.
Pedia a comida
Erguia o seu corpo
Ouvia o discurso embolado
Atendia a filha
Sem dormir
Sem chegar até ela direito
Ou comer sem saber
A tia veio visitar
Tia gateira
Olhou meu gato coçando a pele
Disse que podia matá-lo
"Pulgas podem infectar o sangue!"
Por medo
Comprei anti-pulgas
De cachorro
Com permetrina.
Matei meu gato
Que convulsionou depois de parecer resfriado
Matei disseram, depois de seis dias na UTI
Chorava e chorava e na mesa do jantar
O pai achava um absurdo sofrer por um gato
Sendo que ele era
o próximo
Não comia mais
Fui assinar a eutanásia
Da insônia saiu a reza:
Desculpe meu amor
Por estar fora de mim

Comprar o remédio errado
Não ler a bula
Eu precisei do chacoalhão
Entendi que preciso estar presente. Tenho filha, gato, estudos...
Entendi.
Pedi pra alguma consciência mais elevada
Levar meu gato se isso fosse
Melhor pra todos.
O gato ressuscitou no dia seguinte.
Meu pai não.

O enfermeiro

Uma luz cansada sob o seu corpo de ossos longos anuncia
A voz enviesada no pedido
“Ajeita minha cabeça no travesseiro?”
Um susto pela perda repentina dos seus cabelos
Todo cuidado e permissão
Para a entrada de um homem
Robusto de cabelos enrolados
No seu quarto.
Você me dizia em segredo que era também a sala da sua casa.
Como eu queria que fosse pai.
Tão simpático o rapaz que o sorriso abaixava a máscara.
"Vamos tomar banho?"
Palavras mágicas pra quem perdeu tanto em pouco tempo. Ele chamou mais dois, era o condutor.
Ele manuseava seu corpo, caía leve como um João-bobo entre os gemidos e pequenas toalhas. Em casa as tentativas beiravam a insanidade.
O enfermeiro fazia piadas enquanto esfregava pernas, braços e costas. Vocês comentavam o jogo do Corinthians e Palmeiras. As mãos deslizavam nos ossos magros que me deram a vida. Seu corpo também era meu sabia? Olhava cada parte um pouco

aliviada. Eu vivia pra garantir mais um segundo com ele. Corpo pele dos dias, repetidas fricções.

O pai de banho tomado. Careca organizada.

Suspiro.

O mundo penteado de esperança.

Tinha nome:

Flávio.

O roubo a raiva e a garotinha

Uma semana antes da sua partida

Imagens da primeira infância esmagavam os dias

Lágrimas atacavam a gastrite

Não daqui dos quase quarenta e oito

Mas desde a pequena de cabelo cortado errado pela mãe menina

Desde um amor a perder de vista

Você chegava cansado do turno duplo

E vinha me ver no berço

Apertava os olhos fingindo dormir

O cheiro da sua pele

O seu beijo

O mundo seguro pela sua presença

Beijo de futuro pulando corda

Beijo de menino afoito

Querendo e querendo

Menos quando você me apertava pra dormir à tarde

Me prendia no seu corpo quente

Barrigudo de ansiedade.

Eu escapava pra brincar.

E depois preferi não.

Me prendi a você por conta própria

Em densidade nebulosa

Misturada

Não era mais tão divertido.
Os vícios e os remédios.
Quando tomo os meus
Você se corporifica.
Antes de se tornar invisível
As entidades que te possuíam
Te roubaram
Para os delírios
Esfaquearam a vida
Que nos unia em segredo
Nos silêncios
Nas risadas.
O que eu não faria pra te ouvir de novo.
Por que será que achei que poderia
Ficar agarrada a sua perna pra sempre?
Por que ir embora da praia era insuportável?
Hoje você é praia e faço birra pra ir embora.

Staff

Eram três os médicos além dos oncológicos
A paliativista do hospital
A geriatra paliativa da mãe
O psiquiatra paliativo indicado por ela.
Nenhum deles acessou a sua dor maior
Nenhum deles te deu conforto
Nenhum deles fez a nossa despedida possível
Mas nos cobraram
como se tivessem
Inventado a imortalidade.

Pra quem tá nas últimas

Se a alma não é pequena.

Rivotril

Merticorten

Dimorf

Valium a pena

Desaprender

Os médicos renomados são um corpo de opiniões muito confiantes em seus egos. São referências, entrevistas, artigos, instruções aos familiares do paciente oncológico, tratados absolutos. Os que se autodenominam paliativistas fizeram alguma formação em psicologia, com sorte em filosofia. (Fica a dica, colegas, campo vasto). Um deles disse que o dia da morte é um dia que vale a pena viver. Sei. Ganhou bastante dinheiro e vendeu muitos livros com esse título. "Você tem que trabalhar todos os dias com a ideia da finitude, da partida, você tem que se preparar para a passagem do seu ente querido." Poderia ser ressentimento se não fosse indignação.

Vou te contar um segredo. Pra ter um filho ou perder um ente querido não existe preparo. Só um puta abismo desgraçado. Ignorar, driblar, amenizar, relativizar vira pânico, fibromialgia ou depressão suicida.

Ou você encara que vai cair ou você quebra a cara no chão.

Do alto do escorregador

Quando a filha era pequena, me associei a um grupo de pais buscadores de aprendizagens livres. Segundo nossos estudos, a autonomia dos corpos infantis se constrói testando limites entre alguns tombos. Fomos ao Rio de Janeiro e em um parque público havia um escorregador alto de metal. Minha filha amava escorregar, tinha três anos e fazia isso muito bem sozinha, no entanto, a altura do escorregador assustava. Vi um pai de mãos dadas com o filho da mesma idade acompanhar cuidadosamente o trajeto do começo até o final. As vozes dos pais do meu grupo chegavam até mim: "Ela tem que aprender seus limites com o próprio corpo". De fato, a filha queria escorregar

sozinha. Deixei com um certo embrulho nas sensações. Ela caiu de cara na areia e ralou bastante o rosto. Tenho dúvidas sobre essa construção de autonomia. Não sei se é assim que se aprende. Foi uma experiência ruim, dolorida. Poderíamos ter ido aos poucos até ela ter o tamanho correto para um escorregador tão grande. Acho que foi assim que ouvi os médicos do meu pai, como uma verdade inquestionável, como um bem maior, acima da minha intuição e do bom senso.

O estrangeiro

Dias depois do enterro do pai, levei a mãe pra começarmos a natação. Ela percebeu se afogar ao colocar o rosto na água, constatou algo desaprendendo; o desencontro entre o tempo de segurar o ar e expulsar a água do rosto. O professor (por um acaso russo), muito atento, deu exercícios de caminhadas e movimentos leves. Pra mim o treino nível um revelava os meus limites. Logo nas primeiras braçadas, junto com uma certa falta de ar, sei lá se por ter tido COVID ou por puro sedentarismo, fui submersa por imagens. A água sempre ativa pequenos filmes quando a cabeça afunda. Via um hospital branco com uma cama de ferro anos quarenta, como as da segunda guerra mundial ou do século XVIII. Meu pai estava ali inconsciente, observado por uma enfermeira de uniforme branco. Ele sozinho no meio de um nada. Um hospital de Godard em Alphaville ou Persona do Bergman. A emoção em ver meu pai fazia engolir muita água. A piscina girava. Parei para estabilizar o labirinto e um choro indesejado contraia as costas. A região torácica ficou estrangeira às outras partes. O professor chegou perto de mim: "Tá tudo bem?" Contei sobre a passagem do meu pai. Ele me olhou: "Se precisar falar, pode falar". O sotaque revelava olhos azuis tão precisos. As palavras se afogaram. Agradei um pouco constrangida e voltei a nadar. A cabeça dentro d'água, o hospital branco de novo, meu pai em segundo plano e dessa vez lá – no fundo da sala vazia – uma fila de pessoas loiras, crianças, mulheres com lenços na cabeça. Pensei no que o professor teria deixado na Rússia para chegar tão longe em um país de uma cultura e língua tão díspares. Quantas guerras? Qual a profundidade do buraco dele? Que mergulhos ele fazia quando a cabeça entrava na água? Eu já tinha visto esse professor antes da pandemia. Uma pessoa incorporada no agora com um respiro em outro tempo. Estávamos submersos entre os mundos compartilhando profundidades.

Pequenas bolhas na superfície.

O nado na singularidade da dor multiplica as ressonâncias.

O CPF

Uma das formas de corporificar o pai era dizer o seu CPF. No supermercado ele tinha o cadastro, a nota fiscal paulista e, como o acompanhava em muitos compromissos, dizia e dizia os tais números. Depois que as relações entre hospitais e plano de saúde viraram rotina, o número do seu CPF era o único que sob qualquer alteração de consciência sairia intacto da minha boca. Acho que nem o meu era tão pronunciado. Na primeira compra de mercado com a minha mãe depois da morte dele eu quis falar o seu CPF. Era como se em algum plano o CPF pudesse ser a extensão do seu corpo. Falei e falei esses números até sair o atestado de óbito uma semana depois. Depois do atestado os bancos interditam tudo, os cartões ficam bloqueados. É quando um presidente imbecil da nossa kakistocracia abre a latrina para comemorar os CPFs cancelados dos assassinados pelo COVID.

Não poder falar seu CPF é como passar mal e ficar caído na rua em um dia frio até morrer congelado. Sem que ninguém te veja ou queira se movimentar até você.⁶

Curto-circuito

Tem uma liberdade anunciada na morte

Um alívio que só de constatar

Vem a culpa

Não falamos de alívio

Não podemos.

Não falamos no ensaio de libertação

Veja, o Kafka não pôde.

Morreu antes do pai.

As cartas o libertaram antes?

⁶ No nosso inverno de 2022 em São Paulo e em outras partes do Brasil, em plena crise pandêmica e climática, muitos morreram de frio abandonados nas ruas. Morreu também nesse inverno, na França, um grande fotógrafo, René Robert; ele passou mal desmaiou na rua e morreu congelado. Disseram que ele parecia ser um mendigo. Como se mendigos não tivessem direito à vida.

E o alívio insiste
Para além do afeto
E do querido pai
E das boas conexões
Na pele dos séculos de opressão
Pela pobreza
Pelo abandono do seu pai aos cinco anos
Pela relação de codependência dos filhos
Partes de um mesmo buraco
A mãe subserviente
O pai carente
Fortalecidos pela condição do provedor
O caminho pra sair da falta de dinheiro
Mas não das faltas maiores
Nós as mulheres
Nem humanas,
Nem cidadãs,
Úteros mal-assombrados
Pertencentes ao Estado
Sem conseguir dar voz ao próprio desejo
Sem saber priorizá-los
Tão fácil abdicar da vida
Sexual, social
Sucumbir à pressão diária de ameaças veladas
Pelo medo de seguir sozinha
De nunca encontrar sentido
De perder a cognição
Cúmplices da aporofobia do homem branco
Ou talvez,
Por anos de violências aos corpos femininos.
Por anos de não nomeações aos diferentes abusos.
Como pudemos chamar amor se não nos amamos?
Devotar cuidados se não nos cuidamos?
Por que o que oprime não morre?

Nos comem os vermes se ficarmos caladas
Somos cacos mãe, somos cacos eu e você, nada funcionais para o sistema
de recompensas, acúmulos, meritocracias.
Somos esse nada a que nos condena o capitalismo patriarcal
Esse nada assexuado, sem gozo
Esse nada acima da idade útil ao mercado de trabalho
Esse nada que anda em círculos por não desconfiar dos horizontes
Esse nada que ao escrever percebo
Ser todas as outras possibilidades.

O restante

As correntes que arrastam os espectros são quebradas pelos mendigos. Em cemitério público, tem jazigo de milionário, com capela, altar, Virgem Maria, Brecheret. Esse país nunca escondeu suas injustiças. As correntes não são só dos fantasmas presos entre mundos, estão com os mortos de fome, de frio, de esperança. Eles invadem pra dormir junto com mais de duzentos anos de história, com mortes e mortes de militares, civis, adultos, crianças. Toda essa grana, todo esse mármore, obras de arte, granito, esses pernilongos, ratos, corpos em putrefação. A maior parte dos túmulos está violado e o escritório da prefeitura lá dentro, apesar de parecer uma escola primária estadual, atua como imobiliária-lanchonete. Tem uma placa no alto da parede com os preços para cada serviço – um cardápio. E lá se vai um tanto não planejado pra colocar mais um corpo de história enterrando outras. Eu vi o desespero do familiar da capela vizinha em tirar o mendigo, água e é moradia. Ali perto enterrei você. Na esquina, triângulo oito. Uma esquina modesta. Cabem três caixões e muitas exumações. Você pediu. Não sei se você teria preferido estar em outro lugar, mais bonito, menos arrombado, mas ali, sacramentou-se um corpo nosso, um lugar que fez questão que tivesse uma banda crioula na despedida com os santos cantando pra subir. Será que você gostou? Me conta no sonho?

Outra coisa.

Decidimos, os filhos, dar um trato no seu jazigo. Tem uma torção aqui dentro quando me perguntaram se quero assistir à remoção do seu caixão pra dentro de outro. O Edvan,

encarregado do serviço, disse que o cheiro do necrochorume é bravo. Eu nunca tive uma relação com cemitérios e ossos, me surpreendi querendo dar um caminho pra eles até a exumação. E o pior é que eu quero tudo, sentir o cheiro, ver, acompanhar, estar perto do que restou do seu corpo. Penso em você cadáver com o paletó com que te enterramos, a calça jeans ainda inteira, seus olhos fundos comidos pelos vermes. Confesso que queria te tirar de lá e te levar pra casa, lavar o seu esqueleto e cuidar de você, pentear seu cabelo que nasceria de novo, mumificar seus ossos, te dar um lugar em casa pra reverenciar o seu corpo nessa existência, um corpo que foi minha casa, meu universo por quarenta e sete anos.

Consigo dimensionar a violência por não poder ter algum lugar para ritualizar a morte. Eu quero meus órgãos doados (se tiverem uso) e depois a cremação. (Vai que minha filha decide reverenciar meus ossos em casa). Agora eu sei que as cinzas importam. A sua decisão, pai, provoca olhar a nossa história, nossas escolhas de sermos ressignificados pelos que virão. Comecei a entender algo nada compreensível até então pela minha visão de mundo: a relação com os ossos, restos, traz pertencimento, identidade, concretude para as trajetórias daqueles corpos.

Em Altamira, as pessoas que viviam em suas casas de palafitas no meio da floresta – faziam usucapião daquelas terras – possuíam uma relação visceral com o lugar. Suas histórias foram inundadas por Belo Monte, deslocadas para as periferias em condições insalubres de moradia e de ameaça todos os dias pela violência em suprir a ganância de garimpeiros, políticos e empresários. Os moradores originários de Altamira, os povos originários desse país, os escravizados, a população periférica, têm suas culturas reduzidas aos seus corpos. E o assombro desta injustiça não libertará o nosso país de sua dívida com a terra e com as famílias – essas águas espectrais condenadas às memórias afogadas pelo olho grande.

Como os espectros dos ossos perdidos durante a ditadura de Franco na Espanha.

Posso acessar o sentimento da descoberta dos cadáveres de crianças originárias no Canadá, a miséria ancestral aprisionada nas injustiças que se apresentarão para os vivos

reivindicando o equilíbrio das forças. Mais de 1.600 corpos, assassinados pelas escolas da igreja protestante.⁷

Em uma vila na ilha de Sulawesi na Indonésia, eles desenterram os cadáveres dos entes queridos, limpam e os vestem com roupas novas. Os restos mortais ganham oferendas, cigarros, bebidas, *selfies*. Eles batizaram o ritual de “manene” e, apesar de parecer macabro para nós, é extremamente leve para os moradores da vila. Deste modo, eles integram a decomposição deste corpos como parte da energia do familiar.⁸

Estive no Santuário do Caraça em Minas Gerais, onde estudaram Monteiro Lobato e Juscelino Kubitschek. Escola da elite brasileira católica. Na frente da igreja, tem centenas de escravos enterrados. Ao dormir ali sonhei a noite inteira estar libertando-os de suas correntes.

São mais de 500 corpos mortos em enchentes só neste ano no Brasil. E nem é julho ainda. São 500 famílias sem poder ritualizar estas histórias, essas despedidas. Somados aos 700.000 na maior parte em valas comuns e milhões pelo mundo na pandemia. É preciso lutar por cada um deles, cada biografia, cada grupo de afetos.

Já dizia Walter Benjamin:

"É preciso desenterrar os mortos para melhor enterrá-los".

Uma teoria sobre o câncer

Passar a dor pra frente. O que uma geração passa, se acumula, se reproduz e a outra geração paga o preço. O que se reproduz é inconsciente. O câncer é uma possibilidade de quebra. Cabe ao paciente quebrar o encanto das sinas, dos preconceitos, das violências, mágoas, vinganças, das ilusões das gerações anteriores. É uma oportunidade dura de fazer outros pactos com as células, com o tempo, com as dimensões. Morrer ou

⁷ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/04/a-busca-no-canada-pelos-corpos-de-milhares-de-criancas-indigenas-desaparecidas.ghtml>

⁸ <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2022/05/30/na-indonesia-comunidade-desenterra-mortos-para-ritual-com-direito-a-selfie.htm>

não é menos importante do que atravessar. E a travessia se faz coletivamente mesmo que a dor física seja carregada por um só corpo. Travessia bem vivida vira linha feiticeira. Libertação para gerações anteriores e futuras.

Vibra a dor

“O desamparo torna a condição humana um terreno fértil para fazer qualquer negócio”

Luiz Felipe Pondé

O corte seco no encontro com o corpo morto do meu pai tem ressonância na expressão que Jean Allouch escolheu para falar dos mortos pela guerra, da morte seca, da perda seca sem tempo/chance de rituais para o glorioso sacrifício de luto a que se refere Kenzaburo Oe. Nele, o enlutado efetua a sua perda suplementado-a a um "pequeno pedaço de si". Ao citar Kenzaburo, Allouch desloca esse pedaço de si para uma erótica do luto – caminho fálico em suas variadas associações. Prefiro chamar de pulsional.

Este texto tem a vontade de suplementar um pedaço de si. As tentativas abrem caixas de pandora. Talvez o assunto clame por aprofundamento maior. Estar às voltas com o indizível é muito dolorido e as tentativas de escrita não alcançam a experiência, não suplementam a fala, como diria Derrida, na ideia de escrita como suplemento da expressão falada e vice e versa.

O sonho com a morte da minha mãe resvala na morte da libido. Não só pelos dias massacrantes dos cuidados, mas pelo lugar que meu pai ocupou internamente dentro de uma estrutura que manteve minha mãe e eu igualmente aprisionadas. Eu, por me sentir cúmplice do desejo de destruição do meu pai, por precisar de ajuda financeira ao me tornar mãe solo, e minha mãe ao se ver achatar como expressão de si, ao perder espaço profissional e intelectual nos últimos vinte anos.

A libido em mim inventou um corpus de sobrevivência que questiona o corpo devolvido pela maternidade, condenado à exaustão dos compromissos. Olhando para o corpo da

minha mãe aos setenta, ainda jovem depois de quatro filhos e muitos abortos, mais saudável do que o meu, faz pensar por onde a nossa aridez se expandiu ou como ela foi autorizada a se perpetuar.

Das sombras, miasmas e vozes ancestrais, me chegam abusos. A maior parte dos estupros acontecem dentro dos casamentos. O corretor brincou aqui e quase escreveu cansaços. Os casamentos têm sido, na história das mulheres, mais cansaços do que bons encontros. Desde sempre desde sua origem civilizatória, desde sua reprodução automatizada de direitos e deveres distorcidos pelos desejos e privilégios do homem branco hetero-cis-normativo, há sempre uma boa dose de violência silenciada.

O silenciamento das palavras cala mais profundamente. Cala a capacidade de subjetivação. Empresto o trecho de uma fala de Audre Lord em uma Conferência em Chicago em 1997 no painel de Literatura e Lesbianismo na Modern Language Association:

Podemos aprender a agir e falar quando temos medo da mesma maneira como aprendemos a agir e falar quando estamos cansadas. Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará⁹ (LORDE, 2019, p.55).

Minha avó materna casou-se para fugir dos abusos do seu pai ucraniano. Ele por sua vez abusava para fugir dos seus abusos no caminho da Ucrânia para o Brasil. Chegou até a minha mãe uma fuga abusiva de si para não encarar essa herança. Mas aí a coisa se reproduz com intensidade. São essas as dinâmicas que a mantiveram em um casamento abusivo?

Tem raiva ali. Muita. Agora sem um corpo, ou mesmo antes, no que se cala dia a dia, essa raiva da minha mãe escoava a mim, à mulher na família que tinha uma boa relação com o seu marido, que por acaso era meu pai.

É difícil abrir o bueiro sem sentir culpa. Mas ele está se abrindo e tenho que reconhecer que uma mulher sem autoestima, ou clareza dos seus desejos é muito perigosa em um

⁹ LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

casamento, em um patriarcado. Não chegamos ao projeto de autodestruição sozinhas. Fomos formatadas e socializadas para nos mantermos em cativeiro. É naturalizado entrar na persona subserviente, subjugada, tolhida, espezinhada, viver para o desejo da outra parte e incorporar adequação forçada endossada socialmente pelos meios de comunicação, pelos grupos religiosos, ideológicos. É um condicionamento cultural que se renova a cada geração.

Eu não casei, mas entrei fundo nessas estruturas fusionadas e codependentes.

Não há adequação para a violência. O que se cala corrói a alma, impede a conexão com os desejos da potência. Os desejos se confundem com qualquer coisa que a superfície permita como compensação, fricção ou descarrego; comida, consumo, automutilação, vitimização, depressão, bipolaridade, suicídio, demência.

O transtorno da mãe ainda não tem nome. Foi batizado por muitos diagnósticos ainda imprecisos; frontotemporal, alzheimer e comprometimento cognitivo leve. Nada leve seja o que for e o que não for. Ela está com perdas severas de cognição, comportamento em looping e muita dificuldade de organizar o que sobrou da sua subjetividade depois da passagem do meu pai. E se ela pudesse fugir dos laudos e diagnósticos? E se pudesse ser respeitada por sua neuro diversidade? E se pudéssemos inaugurar um novo lugar além das normas neurotípicas?¹⁰

Para lidar com tanta violência, me defenderia com o esquecimento. O exercício da escrita está como testemunho caso este atravessamento se manifeste.

O sonho parecia apontar a dificuldade de superar o desencontro, a competição, a mágoa do não afeto com a mãe. Sem se dar conta, estive pouco disponível para os vínculos, foi sugada por um roteiro imposto, adquirido, herdado, pelas demandas do meu pai, dos meus irmãos. Mesmo quando sobrava algum tempo, não sabíamos como nos movimentarmos. Eu adorava ficar doente pra receber algum cuidado. Talvez por ser filha de um enfermeiro que queria ser médico, por ter uma irmã gêmea médica, quando

¹⁰ Essa discussão surgiu em sala em uma classe de Suely Rolnik, na voz da colega Maria Eduarda Checa que tem uma pesquisa incrível de mestrado sobre transtornar-se como uma linha de fuga para a clínica com ênfase no amparo de neurodiversidades, identidades de gênero.

minha mãe se deparava com alguém doente, experimentava a singularidade da sua força.

Agora ela tem raiva de mim porque o cuidado beira a interdição. Estou me afastando para não ser mais uma projeção da projeção dela sobre meu pai.

Esse lugar seco.

O assunto do sonho deságua na falta de conexão com o que pulsa. Agora que a autoridade machista é uma força etérea, mesmo assombrada por alguns assuntos, vamos ter que matar a construção interna, a Hera dentro de nós, esse espaço ocupado pela autoridade do poder aquisitivo, das opressões naturalizadas. O luto desterritorializa as forças. Aterra a existência, me disse Alexandre Filordi.¹¹ Como remexer a terra, regá-la e regenerá-la? Como tornar-se húmus e abrir as fissuras?

Precisamos ser adubo mãe. Adubo, como são as cinzas.

Caí em votos monásticos de não masturbação por oito anos em uma organização de meditadores. Os votos são chamados de yamas do Patanjali; são eles *Ahimsa* – não violência, *Satya* – verdade, *asteya* – não roubar, *brahmacharya* – mover-se no Brahman, mover-se na grandeza, *aparigraha* – não acumular. O tal do mover-se no Brahman, força do universo é que impedia a masturbação. O professor dizia que o ato do auto prazer era roubar do universo.

Dias atrás recebi a ordem (de uma amiga querida) pra comprar um vibrador. É preciso dizer que um dos motivos pra deixar tal organização foi um assédio sexual do professor

¹¹ Alexandre Filordi de Carvalho é Pós-doutor em Educação pela Universidad Complutense de Madrid (2017-2018) e Pós-doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2013) na área de Filosofia da Educação; doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP); doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na área de Psicologia da Educação; mestre em Educação também pela UNICAMP. É membro da Associação Brasileira de Psicanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo - ABPPAG. Pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIFESP, na linha de Educação: Desigualdade, Diferença e Inclusão e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental (UFLA), investigando diferenças nos processos de singularização e de subjetivação na sociedade contemporânea, a partir de referenciais da filosofia contemporânea, da psicanálise e da esquizoanálise. Atualmente é Professor Associado 3 no Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

principal. O autoprazer é da ordem do divino, como pude? Vivi o autoprazer, mas deixei de praticá-lo por um movimento que traz machismo travestido de sublimação. Assim que minha filha atingir a adolescência vou apresentar a ela a importância de se dar prazer, de se conectar consigo antes de ir pra fora. O bicho papão patriarcal tem a sua força, mas uma mulher que conhece seu corpo tem muito mais.

Obrigada, senhor.

Mas olha. Tem a prostituta vesga parindo em um dia frio. Um dia nevando muito, segundo o Primeiro Amor em Samuel Beckett. Ela gritava, urrava. E o amante se afastava covardemente do nascimento do seu filho.

Essa dor seca.

A raiva vibra agora no meu clitóris. Pelo século dos séculos. Amém.

Desvio de Rima

“Dai-me uma alavanca que moverei o mundo”.

Arquimedes de Siracusa

A sua paralisa
Deslocou amparos
Abriu a nossa ferida
Para o fim dos sinais vitais
Confirmando o encontro com
o invisível
o incorpóreo.
A sua presença
retorna
a lembrança
dos dias esvaziados.
Ponto de apoio

Controle
Autorial
Autoridade
Teima danada
Em trazer aquela música
do seu curso de inglês
"Don't look back, look ahead..."
A menina de oito
Admirando seus compromissos
Ao som de bolacha na pronúncia cracker cracker cracker
Eu decorava você
De-cor-ação
Seu instrumento de cordas
Ritmo alegria
Transbordante
Não vou rimar pra te mostrar o quanto era amor
Mas a vontade de fazer o som das sílabas se encontrarem
Organiza, direciona
As músicas da nossa vitrola, as fitas cassetes no carro em dia de chuva enquanto você
fumava
Blocos de névoas.
Cresci te buscando nas rimas
Me protegendo de um
Mar revoltoso.
As ondas batiam na minha cabeça, a correnteza te levava
Aulas de perdição
Entre a disciplina e o caos
Entre a paternidade e o abismo
"Olha o que você me fez fazer"
E eu olhava
Através das névoas
dos copos quebrados
Bem dentro
Cada vez mais.

Precisei chamar de culpa
O que podia ser
Outras
Tantas
Tarjas pretas
Mas a engrenagem
Era também nome da sua neta
Mergulhada
Em vida.
Voltei ao ponto de apoio
Seu comando
Seu apito
Um caminho apertado
Até criar linguagem

Ao ver você se afogar
Fui boia errante
A paranoia tem os seus respiros
Sua dádiva secreta
Parecida com luta
Transversal
Como a perseverança do mundo
Como a do gato que quase matei
Vórtice de afetos
Algo que move
Aflige
O seu fim?
(é preciso ter coragem)
Pra fugir de rimar
Da blindagem
Replicada do seu corpo
No meu

Por que o que te paralisou agora tem esse nome?

Essa sina?
Esse desvio
Que move a máquina do tempo
O cérebro rastejando
Querendo perseverar?

Tem sim outro ponto de apoio
A famosa alavanca
Isso que arranca o corpo
E nos deixa nus
De saudades e dor

Isso que move o mundo.
E que não tem despedidas
Ninguém avisou:
Mas a viagem
foi só de.

A médium

Foram duas sessões neste trimestre. A primeira por medo de não aguentar a dor. O corpo físico inventa taquicardias, grita, os tendões, as articulações, os pulmões, o estômago, o corpo físico cai. Mas não posso. Tenho que tocar os dias pra minha filha. Na segunda vez, porque a dor ainda estava lá. Na primeira sessão não consegui aceitar a não despedida, o não acordar da minha mãe, o timing da sacanagem do staff do hospital. Na parede tem uma imagem de Jesus de olhos cansados, uma pintura em tons pastéis. Na prateleira abaixo da imagem, umas pedras mineiras, cristais e uns livros abertos com carvão, símbolo judaico e uma cruz estranha. Tem uma fonte na sala com uma bola girando embaixo de um buda branco. Ela senta de pernas cruzadas. A bola girando. Se cobre com um véu echarpe grande e fino. Quando fecha os olhos dá moleza. A bola girando. Engato em diálogos mentais; uma dança telepática. O cachorro dorme. Ela disse que enquanto minha mãe dormia no momento da morte no hospital, estava abraçada ao meu pai em despedida. Ele a agradeceu por tudo. Ela disse que ele era

muito grato a mim também. Quantas dúvidas, culpas e receios – a bola girando, girando, girando...

Saí mais leve.

Na segunda vez, cheguei com a informação por uma outra médium. Depois de uma conversa com seu pêndulo e seus mentores, ela disse que meu acerto com minha mãe tinha um assassinato em uma vida recente. Voltou a fantasia da minha criança de que a mãe me mataria durante seus surtos psicóticos. Consegui apaziguar as vozes na minha cabeça, mas ali, com a segunda médium, tive acesso ao contexto. Ela comentou que nessa vida passada eu era voluntária junto aos enfermeiros em um galpão gigante, com muitos acamados. Parecia ser um tempo de peste. Minha mãe, naquela existência, estava muito doente, teria me pedido ajuda e eu prometi ajudá-la, mas fui levada a atender outras pessoas primeiro e nesse intervalo ela morreu. Agora vem o baque. O lugar tinha camas de ferro brancas, pé direito gigante, como a imagem que vi durante a natação. Essa história acalmou minhas assombrações. Quis saber sobre meu pai, ela disse que ele estava bem, em um lugar ainda desejoso das vontades aqui da terra, um lugar em trânsito para outro mais elevado. Quando tinha vontade de beber seu velho whisky, bebia água, disse a médium. Ela fez uma "limpeza" energética e trouxe uma imagem curiosa, a de desconectar os fios entre meu pai e eu, fios de angústia, culpa, remorso e raiva.

A imagem de vários fios elétricos pareceu interessante. Como das placas antigas operadas por telefonistas dos anos quarenta; um embaraço volumoso de fios.

Parece que ela tirou só os desencapados.

A saudade procura um corpo

Fui ao cemitério tentar sentir o necrochorume. Quis tomar o seu whisky. Comi ovos cozidos com café preto. Comi sentindo todos os sabores ao mesmo tempo. Tomei café falando do almoço e almocei pensando no jantar. Comi os seus doces. Passei na frente

do restaurante português aos soluços. No dia em que você morreu fomos ao restaurante da esquina e todos os garçons nos cumprimentaram como se estivéssemos no seu velório ou no final do Poderoso Chefão 2, quando o filho mais novo se torna o chefe da máfia e todos beijam a sua mão. Abracei o seu cheiro de armário com o resto de cheiro da pele impregnado nos seus ternos. Tinham até papéis, notas de compras, telefone de alguém nos bolsos. Fiz o seu ritual com as miniaturas: girei três vezes o sulfí, beijei os dois budas, toquei todos os sinos e coloquei as mãos nas coisinhas que você trouxe das suas viagens. Tenho as mãos e os pés como os teus; quando os vejo sei que a nossa diferença é que piso pelas beiradas. Peguei suas calças de moletom, seus óculos e estou usando. Faço um esforço para inferir quais seriam suas opiniões ao ler os jornais. Chamei a mãe de mãe como você fazia com ela e dividi o café. Xinguei no trânsito e dei esmolas no farol. Planejei uma viagem como você fazia. Ainda quero conseguir fazer planilhas que funcionam, ritualizar ao sentar na mesa de trabalho. Como no seu lugar na mesa e sento na sua poltrona como se você estivesse. Procuro o seu cheiro em uma manhã ensolarada.

Quero frequentar algumas reuniões dos alcoólatras anônimos. Vou abraçar todos os abraços ainda por te dar. Não parei pra maratonar cinquenta séries ao mesmo tempo – é um plano. Quero escrevê-las também, como se pudesse estar dentro da sua cabeça. Todos os dias depois que você morreu o céu termina vermelho e faço questão de comentar com você. Comprei um pedaço de terra, pai. Vou construir uma casinha, restaurar, reflorestar, receber pessoas, cuidar de mim e delas. É uma ocupação humana pra regenerar um pedaço de terra, um dia pasto. Você não teria permitido em vida. Essa vida será vivida em sua homenagem. Essa terra terá as suas cinzas.

Quero criar um ritual pra oferecer o meu amor.

Quero mesmo é nos libertar, pai, de nós mesmos.

Orfandades

Minha filha não conhece o pai, conhece o meu como o seu – figura referência de compromisso, cuidado, educação, responsabilidade. Por mais caóticas que fossem as intensidades voltadas aos vícios ele nunca faltou em afeto, em suporte material. Fiquei

preocupada com o sentimento de orfandade por uma figura paterna e este sentimento apertava a blusa. Ela não chorou, não disse nada, viu o corpo no hospital e no velório, dançou brincou, cantou, disse que não aguentava mais rezar ave-maria. (minha tia, irmã dele, pediu para rezarmos as cinquenta repetições do terço). Chegamos em casa, ela tirou a roupa preta, comemos e na hora de dormir, conseguiu a sua catarse. Chorou, gritou, escreveu um poema e nunca mais parou pra ficar triste.

Somos órfãs de pai agora.

Podemos recriá-los.

Será um bem ou um mal?

Se a mãe lembrasse do tanto de coisa que eu lembro do nosso cotidiano, não suportaria continuar por aqui. Ela esqueceu o quanto brigamos, esqueceu o quanto não conseguiu cuidar de si mesma, esqueceu o quanto não teve vida própria, opinião, escolhas.

Podemos inventar que somos amigas, que vamos nos cuidar, que vamos ousar ser plenas.

Aquele algo no inconsciente que não se submete ainda é latente.

Espero que ela não esqueça.

(Des)cuidados paliativos

Meu pai não teve afeto materno. Nem paterno. A mãe da sua primeira infância teve mais quatro filhos depois dele e foi abandonada pelo marido que fugiu com outra mulher quando ele tinha cinco anos. Minha avó era professora primária, criou os cinco sem a ajuda de ninguém. Além de muito exausta, foi criada pela irmã que não a poupou de violências. Afeto maternal meu pai encontrou em retalhos de amantes e depois com a médica paliativa da clínica. Ela o acolheu como uma filha que perdeu o pai, como uma mãe cheia de mimos. Depois de três anos, quando o câncer se reproduziu ladeira abaixo

e as internações hospitalares se intensificaram, ela foi morar em outro estado e passou a bola para a médica paliativa do hospital. Esta chegou na verdade no último mês de vida do meu pai.

A médica começou nos orientando sobre procedimentos e etapas da doença. Meu pai não gostou dela. Nossa preocupação era atender aos desejos dele sem deixar que ele se matasse primeiro. Ele pediu para ir pra casa e conseguimos por uma semana essa proeza. Lá ele bebeu e surtou muito. A metástase no cérebro, o corticoide e a morfina não eram uma combinação simples. Nesse momento tão pungente de decisões, fomos abandonados. A médica nos disse que perdeu um ente de sua família e não poderia nos atender. A paralisia do meu pai piorou e na suspeita de um derrame, voltou para o hospital. De lá não sairia mais.

Quarto 1040D. Quem encontrei ao chegar? Refeita de seu luto instantâneo a médica paliativa nos recebeu com um pedido de desculpas. O psiquiatra paliativo foi indicado às pressas pela geriatra que, depois de duas consultas com a minha mãe em estado grave, tirou férias. O psiquiatra agendava inúmeras sessões no hospital por sua livre e espontânea vontade em horários dos mais variados para não atrapalhar a sua rotina. Consultas exorbitantes. Entrava no quarto, sem se importar se meu pai estava com a fralda aberta, comendo com dificuldade ou no acontecimento do banho. Ele entrava e começava a sessão. A comida poderia estar na goela, as fezes expostas e ele completamente nu. As sessões se reproduziram até o último dia de vida e o psiquiatra não quis perceber que o alcoolismo não tinha mais importância. Era notório que a saturação muito baixa junto com a radioterapia pós-operatória havia o debilitado demais além das metástases. Ele respirava com o que restou do pulmão direito. O quadro era de morte iminente e mesmo assim não abriram mão de fazer reuniões, prestar contas e agendar novas invasões. Minha mãe foi considerada incapaz de ser notificada pelo seu quadro cognitivo abalado. Descobri que, quando se fica muito tempo em hospitais, desenvolve-se um tipo de [delirium](#) chamado psicose das UTIs. A mãe ligou um dia da sua casa, quando revezamos com a tia, dizendo não saber onde era a sua casa. Meu pai saiu da UTI, mas não dos delírios e minha mãe teve um reflexo dessa vivência hospitalar. Eles o drogavam e drogavam para mantê-lo calminho sem dar trabalho. Ele se revoltava. Reclamou até o fim. Minha mãe jura ter visto enfermeiros aplicarem sedativos fortes para não trocar a fralda. No dia da morte, a médica paliativa me

prometeu que ligaria de madrugada se ele passasse mal. Ele passou mal, ligaram para o oncologista e não pra ela. Ele morreu na madrugada e não de manhã. Ela me ligou tarde da manhã, quando já havia o sedado. Não quis acordar minha mãe. Entendi que ele poderia ficar inconsciente ainda vivo por um tempo pra nos despedirmos. A sedação conforto faz pensar se esse conforto não é também de quem está cansado de lidar com o limbo existencial. Ela poderia ter sido mais clara: seu pai está morrendo agora, fiquem com ele. Não era pedir muito.

A voz

Algumas semanas depois do enterro do pai, a burocracia que segue a morte se intensificou. Todos os dias meu irmão mais velho me ligava umas dez vezes para assinarmos documentos, realizarmos transações bancárias, dúvidas sobre inventário, cobrar os seguros, atualizar certidões desde nascimento, casamento, óbito e o cotidiano estava sobrecarregado. Tentava também criar uma rotina de sobrevivência para a minha mãe sem perder a filha de vista. Comecei a fazer muitas operações bancárias pelo telefone e fiz uma transferência errada. Transferi para um sorveteiro do litoral norte o montante de um reparo em nossa casa. Os dois tinham o mesmo nome: Mateus.

O período era de grandes chuvas e ir à praia nessas condições não parecia tão incrível, o cansaço físico e emocional tomavam conta. Um enjoo entrou em curso e planejei com data, casa por alugar, uma viagem ao litoral para resgatar o dinheiro. Ainda é muito sensível a relação com o dinheiro. Eu trabalho desde os quatorze anos, somos de classe média baixa de saída, meu pai era muito pobre, na última década a sua empresa de tecnologia prosperou e ele a vendeu para viver de dividendos. Esse acontecimento foi ao mesmo tempo da minha maternidade desamparada. Nosso trato era que em três anos eu voltaria para o mercado de trabalho formal. Minha filha tem dez, faço bicos e estou fazendo mestrado... Sempre fui autônoma, prestava serviços, continuei prestando, a conta não fechava no azul. Isso pra compartilhar o sentimento de que o dinheiro do pai pertence à história dele. A ajuda que ele me deu sempre trouxe constrangimento e acusações de parasitagem pelos meus irmãos. O dinheiro, pago ao Mateus errado, precisava ser corrigido.

Vejo agora como conjurei esse dinheiro; como uma parte do corpo do meu pai, um fetiche-talismã de proteção para assumir a empreitada do resgate.

Ao fazer isso, consegui uma forma de incorporá-lo em uma segunda voz dentro de mim.

Sáímos de São Paulo embaixo de chuva em uma sexta à tarde. Quando estávamos a uma hora da casa em que iríamos ficar, o proprietário ligou dizendo que uma árvore com fios elétricos havia caído na frente da casa e não tinha como chegar até lá. A casa era em uma região remota, no sertão da praia. A voz sugeriu pararmos para comer no primeiro vilarejo. Assim o fizemos. Mãe e filha, cansadas, comeram com fome de descansos.

Tentei conseguir lugares onde estávamos, sem grandes respostas, por ser tarde da noite. Depois de tentar dois lugares de improviso a voz falou para ficarmos perto da praia onde havia encontrado o sorveteiro. Entrei na internet intermitente em pleno temporal, consegui uma vaga. Dirigimos mais uma hora sem enxergar nada e ao pararmos na frente do lugar, sem ninguém para nos receber. Entrei, bati em alguns quartos, e encontrei um grupo de meninas jogando baralho que se prontificaram em ajudar. Tudo parecia estar dando errado. O clima, o tempo estendido da viagem, a dificuldade em conseguir chegar a algum lugar. Passava da meia noite. Em meia hora apareceu um senhor que nos conduziu até o quarto.

No dia seguinte, para a nossa surpresa, tinha um café da manhã generoso e muitas moças bonitas servindo. Perguntei se elas faziam tapioca e uma delas me respondeu, só se você for alérgica. Fiquei olhando para a harmonia do rosto, um pouco perdida entre o caráter da resposta, o tipo de hospitalidade. Tinha mais uma coisa. A voz. Ela me disse para perguntar sobre o Mateus. Comi tranquilamente, não pedi a tapioca e entrei na cozinha.

Perguntei se alguém conhecia o Mateus que vendia sorvete na praia. Uma delas disse desconfiada, conheço sim, é amigo do meu irmão, por quê? Conteí sobre a transferência errada. Um pequeno tribunal se abriu onde a dignidade estava em avaliação. Ela fez questão não só de me dar o telefone dele, como do empregador da marca de sorvetes. A honra estava em jogo, não só a do Mateus, mas a dela, a do seu irmão, de toda a nossa classe trabalhadora, tão sofrida em tempos pandêmicos. Descobri que os sorveteiros

viviam uma relação semiescrava. Eles eram alojados no sertão de Camburi e só recebiam em cima das vendas. Chovia muito no mês de março, aliás, choveu até junho deste ano em todo o país. Meu coração ficou apertado, precisava dar fim à possibilidade de deixar em aberto qualquer acusação.

Liguei e ele me atendeu surpreso. Ele disse que era mineiro, tinha uma filha pequena e que não estava conseguindo trabalhar por conta das chuvas. Disse estar esperando a ligação já preocupado com a necessidade que ele tinha desse dinheiro. Eu disse que ele poderia ficar com uma parte e devolver o restante. Ele o fez imediatamente. Depois me ligou curioso pra saber quem tinha passado o telefone dele. Tenho muitos amigos atores, que, na pandemia e com o governo fascista, ficaram sem trabalho. Se o dinheiro caísse na conta deles já teria sido absorvido pelas dívidas.

Minha filha estava encantada com a chuva, com os girinos, com os peixes. Minha mãe queria ir embora. Convenci minha mãe a ficarmos e tivemos que mudar de quarto. O quarto era melhor, tinha uma pequena cozinha. Continuamos embaixo de chuvas até que no dia seguinte com as malas no carro o tempo abriu. Corremos para praia e tivemos epifanias; agradecia ao meu pai o tempo todo. Agradecia ao Mateus, à irmã do seu amigo, à moça da tapioca, agradecia à voz.

Como será que o Mateus narraria essa história?

Qual o efeito do meu pedido para a irmã do amigo?

Meu pai estava ali.

A alavanca

Um pouco antes de entrar nos delírios agudos, meu pai queria tirar o tumor específico do cérebro que causava a paralisia. O oncologista dele e o neurocirurgião gastaram alguns dias confabulando os prós e contras da tal façanha. Façanha, pois era do conhecimento de todos que o pulmão do meu pai estava comprometido pelas metástases bem como outras partes importantes. Façanha porque o valor da operação era estratosférico.

Perder os movimentos do braço e da perna era não poder mais limpar-se, comer, colocar gelo no copo.

Foram tantos os dribles: quase overdose, brigas, queda do avião da Tam. Ele se preparava materialmente pra partir – não na relação conosco. O assunto era a sua volta pra casa. Ele tinha um metro e oitenta e três. Manipular um homem grande, apesar de emagrecido, não era simples. A lesão no seu cérebro tirou a percepção esférica e a sensação de quedas iminentes enrijecia seu corpo, acrescentando quilos a mais e uma dificuldade de garantir dignidade.

Um dia cansado do medo de cair ele disse: “Eu preciso de uma alavanca. Que nem o Arquimedes. Se não apoiar em alguma coisa com o braço bom, eu caio”.

Foi nesse dia que o médico passou no quarto e verificou o tempo do desvio de rima.

Tanta poesia pra nomear.

Fiquei com o elemento da alavanca como metáfora para terminar este texto. Não é o luto que move a escrita, mas a impossibilidade de narrar o acontecimento da morte (DERRIDA, 2012).

O mar

O céu em tempestades
Soube dar trégua.
Portal de duas horas
Para tocá-lo
Dois anos sem vê-lo
Sem lembrar da sua força
Sem sentir o sal.
Entramos mãe e filha
E bateu a primeira onda
E as filhas eram duas

E bateu a segunda
E a angústia era da neta
E bateu
A angústia da mãe ao ver a filha
E outra
Só o horizonte
E outras
Montanhas abraçavam o mar
E outro
O meu pai
E outro
O seu avô
Nos despedimos.
E outras
Ondas
Haveriam de quebrar.

Amiga do pastel

Antes de se tornar psicanalista foi bailarina. No último ensaio antes da apresentação do seu solo no Teatro Municipal quebrou a clavícula. Não contou a ninguém. Apareceu na estreia e entrou em cena. Corpo tonificado pelos treinos. Colo de pé altíssimo, saboneteiras perfeitas, nariz empinado, cabelos crespos e volumosos esticados ao limite na sujeição pelo coque. Quando a série de *fouettés* tomou conta dos movimentos, na terceira pirueta, desmaiou.

Foi expulsa do corpo de dança.

Difícil saber se era obstinação ou só cabeça dura.

Em outra dança me disse:

“Estou grávida”

Aos 45 anos

Diabética

Voava toda a semana para a Argentina

Gravidez de muito risco.

Aceitou o solo em ser mãe

Nem contou para o covarde que esqueceu o preservativo em seu útero
Foi ao extremo
Questionou as suas crenças
Dentro do trauma da menina que perdeu a mãe no parto da irmã
Sua filha se chamaria Zoe.
O nome da minha filha anos depois.
A Zoe dela partiu no quarto mês de gestação
E ela seguiu girando
Repetindo que preferia a morte do que envelhecer
Muito atento ao seu desejo o corpo criou caminho
Aos cinquenta e nove ela me disse
“Vem despedir de mim? ”
Não consegui.
Estava nos últimos dias do meu pai
Tive COVID...
Ela morreu antes de se tornar idosa
Uma semana antes do meu pai.
Minha amiga querida inteligente
Intensa.
Que gostava de comer pastel.
Ficamos de nos encontrar na feira
Perto das nossas casas vizinhas.

Imagino que agora ela está com sua mãe e filha dançando o amor.

Estou no nosso bar preferido tomando sopa.
O bar em que a gente comia depois de cinco filmes da mostra internacional
Consigo vê-la entrar com seus cabelos exuberantes
Sempre bem vestida
Entre as vozes
Escuto o seu sorriso.
Um tempo antes na sala de cinema
Nos esbarramos sem combinar
Somos do tipo que vai sozinha ver filmes.

Ela chorou.
Disse não ter conseguido lidar com a minha maternidade.
Respondi que a vida pode ser generosa
Trouxe eventos e pessoas
Para o nosso crescimento.
Percebo hoje a despedida.
Ficou o nosso amor
E os filmes por realizar.

O que eu queria ter dito

Pai,

Você é o grande amor da minha vida. Amor que aprendi a sentir por mim, com e pela minha filha. Família foi um lastro para o fundo, para a dor, para um acerto de contas que desafia as lógicas psicanalíticas. A sua morte desintegrou o desejo de estar junto com os demais, até que, ao nos reunirmos, percebi que partes do seu rosto nos meus irmãos, nos meus tios, traz alento. Te amo por afinidade. Uma afinidade que discorda dos seus pontos de vista políticos, do seu machismo e autoritarismo. Amo quando pudemos ser pontes para as nossas diferenças. Te amo porque na nossa cobertura para assistir filmes vivemos a ficção na pele, no lugar de todos os personagens, sofremos, gargalhamos, empáticos às pessoas ao nosso redor, nos preocupamos com elas verdadeiramente. Adoramos as festas. Como era lindo ver a alegria nos seus olhos comemorando os aniversários. Alegria da sua neta desde bebezinha, pulando com a casa cheia de música, dança com você. Amo a sua autodisciplina, perseverança, resiliência e as carrego como heranças valiosas. Aprendi tanto com elas durante a sua vida, durante o câncer na pandemia. Valeu cada segundo dessa jornada, pai. Onde estiver, vai estar comigo na forma de planejar, de cuidar, de viver intensamente. Adoro saborear, como você, comidas, músicas, culturas. Sou muito grata por tudo que fez por mim, por nós, por me dar a vida. Apesar de me sentir uma mulher diminuída e encurralada em alguns momentos, sinto que, com um teto todo meu, não preciso mais depender de nada nem de ninguém para acontecer com as adversidades, para me libertar das capturas que te

massacraram, que deixaram resíduos nos campos morfológicos. Nosso trabalho continua, da onde estiver, eu daqui na densidade maior. Seguimos juntos. Por favor, não deixe de entrar em contato. Estarei atenta. Um beijo eterno.

O que eu não te disse

Não te falei o quanto os seus vícios me destruíram. O quanto fui codependente, à procura de pessoas e parcerias para cuidar. Parcerias que me afundaram, que me devolveram a lugares obscuros de paralisias, paranoias. Demorei muito tempo pra perceber a necessidade de respeitar meus limites, entrar em contato com os meus desejos. Os desejos sempre foram os dos outros, das causas, dos grupos, dos parceiros. Meu vício foi me anulando a cada experiência ao ponto de quase desaparecer. Você não sabe, mas quando teve a sua amante e a mãe enlouqueceu nos meus quinze anos, descobri o livro que ela te deu de presente e li. Soube do tamanho da sua paixão, projetei como seriam as minhas. Não te contei como a minha vida com a mãe era infernal, você viu, mas não quis enxergar, como eu queria que vocês tivessem se separado. Não te contei que, depois dos meus primeiros abortos, namorei um traficante para me punir. E, mesmo com o traficante, construí um cotidiano de muito trabalho, deixei a casa em ordem, as contas pagas (por mim). Eu ajudei muitos namorados a prosperarem e, enquanto escrevo, noto que também sentia desprezo por eles – por não serem como você? O desprezo também passei a sentir por mim quando me tornei mãe e saí do mercado de trabalho. Só teve valor em casa quem trouxe dinheiro. Talvez essa seja a grande marca a ser transformada, pai. Você nos marcou por ter passado fome. A sua fome maior foi de afetos verdadeiros, de amparo. Hoje entendo que o dinheiro se tornou afeto pra você. Apesar de ter julgado como uma sina, hoje aceito o seu afeto, espero expandi-lo para tantos mais. Te ver bêbado sempre atacou meu estômago e ainda hoje ver alguém embriagado é dolorido. Olho pro seu whisky na sua casa com saudades e sofrimento. É um alívio que você não tenha lido o meu livro. Talvez ele tenha sido escrito pra essa construção de destruição permanente. Você me deixa agora com a promessa de fazer justiça, pai, de usar a escrita como um dispositivo reparador, inquisidor. As suas dores sempre vieram com muita ansiedade. Elas nutriram nossa

neurose, nossos condicionamentos, os transtornos obsessivos compulsivos. Que bom que você pode olhar pra isso de um outro lugar.

Parece que está mais calmo na superfície.

E todos os gritos continuam aqui.

Elegia

Fiz uma dinâmica entre os meditadores uma vez em um retiro. Escrever a minha elegia. A experiência foi intrigante. Ao lê-la em voz alta, senti que a versão da minha vida escrita pelo meu corpo pôde ser testemunhada. Faz pensar que escrever em homenagem a outro pode roubar perspectivas e considerando as narrativas dos homens brancos sobre mulheres e povos oprimidos, pode-se subvertê-las pervertê-las ou reduzi-las. Tantas mortes no susto, nos abusos, sem tempo para defender a sua versão sobre os fatos, sobre as impressões dos acontecimentos.

Testei esse exercício em um grupo de escrita. Foi surpreendente o que se abriu na linguagem, nos jogos semânticos. Uma das participantes sempre reproduzia duas opções de texto e conseguiu se concentrar em um só poema potente. Olhar para a própria morte devolve aspectos não considerados, premeditados da memória. Escrever e ler a sua elegia te prepara para a vida, mais que isso, para a apropriação da narrativa sobre ela.

Ameba

Quando participava de estudos kardecistas (espiritismo) na casa de uma colega, incorporei uma ameba. Segundo a visão de Allan Kardec, a forma que os espíritos adquirem ao desencarnar está diretamente ligada à sua consciência espiritual. São parâmetros que não quero colocar em avaliação pois o que quero dizer desta experiência é sobre um lugar. Na incorporação senti grande eletricidade no corpo, como se estivesse sendo conectada a muitas tomadas. O corpo vibra, treme e a sua capacidade de comunicação, dentro do que você conhece sobre você, se afasta. O eu estaria muito atrás daquilo que entrava em contato com o meu corpo. Não conseguia emitir sons por minha própria vontade, mas deitava no chão e saiam grunhidos da minha boca. Eu queria voltar, desconectar esses fios e falar *não, não te dou permissão para ocupar este corpo*.

E não conseguia. Os minutos pareciam horas e o medo de não conseguir voltar desafiava qualquer conhecimento sobre incorporação até o momento. Sei que os colegas estavam em processo de pedir para aquela entidade ir embora. O que quero compartilhar é esse não lugar. Essa sensação de estar próxima e fora do comando sobre o corpo, sobre a sua máquina de ação com o mundo que se reconhece pela sua identidade. É claro como a voz autoral precisa autorizar-se, consagrar este lugar no corpo, defendê-lo de incorporações que repetem capturas sociais, mentais, espirituais. Esse também é o lugar do luto. Enquanto tento continuar a dissertação, sou tomada diversas vezes por essa ausência quase forçada. Ter que elaborar antes de um distanciamento para sentir sem ter que processar, ou trazer alguma devolutiva, foi uma proposta arriscada.

A entidade autoral e a micropolítica ativa

Aproveito a incorporação da ameba para falar de autoria; de voz corpo e corpus. Na Poética da Serpente ficou claro como mediamos os nossos sentidos e por ressonância, falas e discursos atravessados pelas experiências do corpo, dos acontecimentos. Estes efeitos no corpo, lidos como trauma, são a marca autoral ou cicatriz autoral. Dela, dizeres poéticos, políticos, filosóficos, ficcionais ganharão outros corpos narrativos. Enquanto escritores, somos uma grande mediação. Para escrever é preciso habitar-se, estar inteiro, *hole*, animando todos os seus cacos, Geruza chamaria de **estilhaços traumáticos** espalhados por narrativas de outros sobre a sua experiência ou silenciamentos. Essas partes, ora espelhos, ora chumbo, nos convoca a investigá-las com a língua bifurcada da serpente, com muito cuidado, amparando cada fratura, cada fenda em suas multiplicidades. É um trabalho introspectivo, singular, é também resultado de um processo coletivo de escutas. As escutas são co-autoras das ficções sobre as experiências dos corpos. A apropriação da própria narrativa é uma micropolítica ativa, não está reagindo às injustiças como propósito, efetua sua capacidade de transmutação das forças, seu devir pulsional. Todos os grandes escritores precisaram de seus primeiros leitores, de seus críticos, companheiras, de seus professores, de seus colegas de classe, de seus coletivos. A diferença talvez no método trilhado por Geruza para entrar em contato com a voz corpo e corpus é que uma vez conscientes da nossa entidade autoral em grupos, é quase impossível não desejar mediá-la. O inconsciente em decifração coletiva fortalece os caminhos para as escolhas estéticas eróticas literárias. A estrutura de desconstrução influenciada pela geração

francesa de Deleuze, Guattari, Levinas, Derrida, a transversalidade defendida por Guattari nas relações que não são guiadas por hierarquia de poder, que respeitam o fluxo pulsional da vida, da criação artística, devolve aos corpos um corpus acontecimento, um devir político, de atualização de conexões potentes.

Trauma e acontecimento

Trauma tem sido no meu entendimento vira-lata, o efeito do acontecimento no corpo e na subjetividade. O trauma é um acontecimento. Seus efeitos trazem a repetição da memória, fragmentos que deflagram ausência e silenciamentos. Operam a cisão entre linguagem e alma. A força do trauma é que ele não para de acontecer. Quando encontra algum gatilho, ativa o inconsciente a reviver partes da experiência. O trauma pode paralisar, o acontecimento movimenta. Quando nos propomos estar atentos e escrever amparados para este retorno podemos flagrar perspectivas novas, podemos transmutar o impacto no corpo. Nos tornamos investigadores desse impacto e podemos falar das forças, das intensidades, criar subjetividades para a impossibilidade de narrar o que acontece.

Arquivos disparadores

Vou aproveitar o luto para trazer alguns. A data da morte. A boca aberta ao encontrar o corpo do meu pai sem vida, o número do CPF dito em voz alta nos estabelecimentos, um trecho de música, fotografias da primeira infância, sonhos, intuições, comer uma comida específica, ver partes do seus traços em nossos parentes; o sorriso, o timbre de voz, o movimento corporal, frases que se repetem. Poderiam ser punctuns aleatórios trazidos pela vivência de outras pessoas. Em mim estes arquivos abrem muitas informações, sentimentos, ideias. Quando compartilhados, disparam outros arquivos da mesma magnitude, intensidade de afetos em outros corpos, como se por ressonância, por uma solidariedade não planejada.

4. Considerações finais

Nise da Silveira resume melhor o dizer:

Não se curem além da conta. Gente curada demais é chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas. É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade...

O conceito de cura, quando se fala de saúde mental, implica em uma ideia de liberdade confinada a um certo controle diagnóstico, entre laudos, condutas, cerceamentos. A cura na perspectiva de oficinas de escrita criativa se aproxima a um cuidado nas relações com o inconsciente, instância clínica e artística construída por uma escuta coletiva aos ruídos, estilhaços das experiências nos corpos e nas subjetividades, exercício de libertar-se dos desvios alienantes e anestésicos que prolongam o sofrimento. Talvez esse cuidado na produção literária liberte a dor, não pela escolha da liberdade como proposta, propósito, mas pela possibilidade de fabricar essa liberdade, de inventá-la. Narrar a sua história permite reivindicar ausências, desamparo, outras leituras sobre as relações macropolíticas. É no recorte cotidiano das micropolíticas que se apresentam avaliações críticas de um período histórico e não um bloco compactado de encomenda pelas autoridades do momento como fomos formatados a nos entendermos. A história da escravidão pelas lutas travadas e insurreições traz outras forças referências para os corpos que nos antecederam, para os corpos futuros. Muitas mulheres, sujeitos escravizados, oprimidos produziram narrativas sobre os seus tempos. É preciso resgatá-las. Existe uma necessidade etnofilosófica, antropológica, social e psiquiátrica de ressuscitar estas narrativas, de garantir espaços onde elas possam continuar a serem produzidas, sobretudo amparadas. Se o futuro nos foi roubado e estamos em terra arrasada, precisamos resgatar do passado os fios que vibram as nossas potências e tecer de novo a consciência do que somos, do que podemos nos tornar, transtornar, transmutar.

Escrever estas considerações finais e emprestar o luto para movimentar a subjetividade do impossível não deixou de transbordar. As narrativas, as histórias estão no lugar daquilo que não se acessa. No indizível. O elemento que faz a conexão com esse não lugar acontece em uma distração: na traição da minha atenção ao que está fora para tocar lugares internos. Não tive tempo de fazer isso demoradamente em grupo, mas pude ter pareceres coletivos preciosos na orientação coletiva, pude ver as reverberações

em alguns corpos e intuir que qualquer prática que se comprometa a romper tabus, silenciamentos, é clínica, política e precisa ser exercitada, pesquisada, fortalecida. Os grupos são a borda. O que surge em um texto diz respeito a todos, anuncia um inconsciente coletivo, nos convoca a agir, a sair dos lugares capturados socialmente, historicamente para ampliar a experiência dos atravessamentos.

A promessa de articular os pensamentos de Deleuze e Guattari se mantém aberta, conseguiu talvez ser teoria incorporada no exercício da dissertação e nas leituras que serão repetidas e integradas na continuidade dessa pesquisa.

Termino a dissertação com uma perspectiva profissional de ativar e estar presente em grupos de escrita com uma atenção especial aos lugares fraturados, paralisados, silenciados pelas experiências. Todas as vozes importam e precisam atravessar os tempos e os espaços. É preciso dizer, é preciso escrever sobre o que nos acontece, não só para somarmos aos outros testemunhos e visões de mundo, como para garantirmos, em qualquer dimensão, o direito à diversidade, à justiça, à dignidade, à criação de possíveis.

REFERÊNCIAS:

ALLOUCH, Jean. *Erótica do luto*. Trad. Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

_____. *Bartleby Escrita da Potência*. Trad. Manuel Rodrigues e Pedro A. H. Paixão. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

_____. “O rosto”. Trad. Murilo Duarte Costa Corrêa. Disponível em <http://www.oestrangeiro.net/politica/163-traducao-qo-rostoq-de-giorgio-agamben> Acesso em abril de 2021.

_____. *O reino e a glória*. Trad. Selvino J. Assmann. Editora Boitempo. São Paulo, 2011.

ALMEIDA, Geruza Zelnys de. “Eu e a Obra: Hospitalidade e Escuro (uma traição a Lévinas e uma demanda para a crítica literária)” In: *Fronteiras*. SP, v. 8, 2012, p. 1-11

_____. “Em torno da ideia: relações entre rosto e nome”. In: OLIVEIRA, Maria Rosa D.; PALO, Maria José. *Agamben, Glissant, Zumthor*. Voz, pensamento, linguagem. São Paulo: Educ, 2013.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Trad. Heloysa Lima Dantas et al. São Paulo. Cultrix, 1971.

_____. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *O Rumor da Língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. P.249

_____. *A Câmera Clara*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Fragmento de um discurso amoroso*. Trad. Hortênsia Alves dos Santos. Rio de Janeiro: Livraria Fransisco Alves Editora 1981.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARDOSO, Márcia Rezende & MALDONADO, Gabriela. “O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias”. In: *Psicologia Clínica*. vol. 21, n.1, RJ., 2009.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *A Dobra*. Leibnitz e o Barroco. Trad. Luiz B. Orlandi. Campinas: Papirus, 2000.

_____. *Francis Bacon: Lógica da Sensação*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

_____. GUATTARI, F. *Capitalismo e esquizofrenia*, vol 3, São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. F Kafka *Por uma literatura menor*. Trad. Julio Castañon Guimarães. São Paulo: Autêntica, 2014.

_____. *Bergsonismo*. Trad Luiz. B.L.Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. “The Law of Genre”. In: *Critical Inquiry*. Autum. V. 7, n. 8.1, 1980

_____. “Hostipitality”. In: *Angelaki*, London, v. 5, n. 3, December, p. 3-18, 2000b.

_____. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. “As mortes de Roland Barthes”. Trad. Mauro Guilherm e Pinheiro Koury In: *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 7, n. 20, Agosto/2008, pp. 264 a 336.

_____. “Uma certa impossibilidade de dizer o acontecimento”. In: *Revista Cerrados*. Vol. 21, no. 33, 2012.

FOUCAULT, Michel. “A loucura, a ausência da obra”. In: BARROS, Manoel de (org). *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 190-198.

_____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino S. Pivatto et al. Petrópolis: Vozes, 2009.

GIL, José. *Metamorfoses*. Lisboa: editora Relógio D’Água, 1997.

HILST, Hilda – *Rútilos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2017.

KELEMAN Stanley. *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. Trad. Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

LAPOUJADE, David. *Potências do Tempo*. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: N-1, 2007.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Trad Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

NANCY, Jean-Luc. *El intruso*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.

_____. *A la escucha*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. “La comunidad afrontada”. In: BLANCHOT, M. *La comunidad inconfesable*. Trad. I. Herrera, Madrid: Arena Libros, 2003.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. Niterói: EdUFF, 1999.

ROLNIK, Suely. “Políticas da hibridação: Evitando falsos problemas”. In: *Cadernos de Subjetividade*, 2010. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/cadernos subjetividade> Acesso em: 22/09/2013.

_____. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*, São Paulo: n-1 edições, 2018

SACKS, Oliver. *O olhar da mente*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Alucinações Musicais*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A história como trauma”. In: _____ & NESTROVSKY, A. (orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. “Narrar o Trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas”. In: *Revista Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro. Vol. 20, N.1, 2008. p. 65-82. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf> Acesso em: 23 de julho de 2010.

SCHIAVON, João Perci. *Pragmatismo pulsional*: São Paulo, n-1, 2019

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação e outros ensaios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Xamanismo transversal: Lévi-Strauss e a cosmopolítica amazônica”. In: QUEIROZ, Ruben Caixeta de. NOBRE, Renarde. (Orgs.). *Lévi-Strauss: leituras brasileiras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”. In: *O que nos faz pensar*. Número 18, Setembro / 2004, p. 225-254.

ZUMTHOR, Paul. *Performance recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2018.